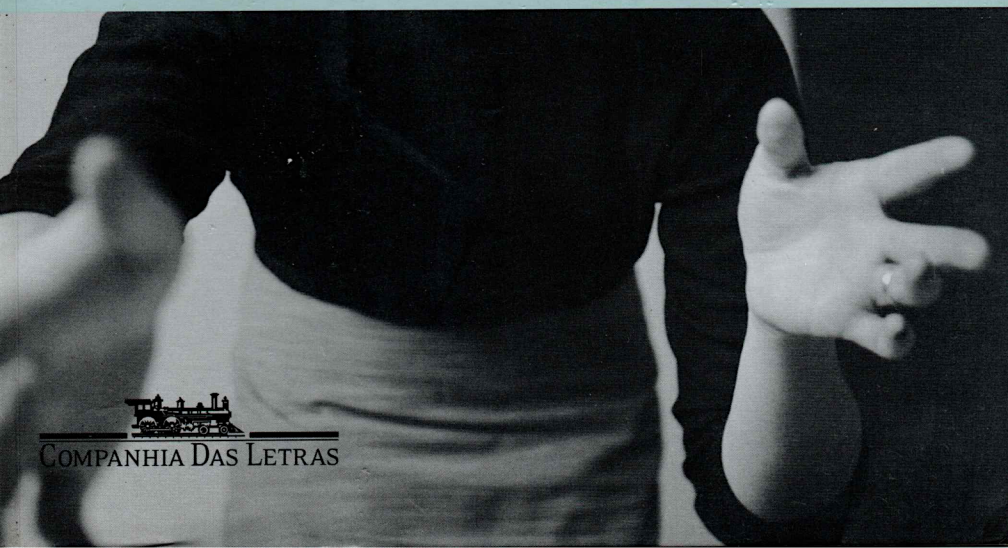
vida conjugal

sergio pitol



Companhia Das Letras

Jacqueline Cascorro e Nicolás Lobato formam um casal destinado a marcar presença na história da literatura. Ambos de origem modesta, conhecem-se na universidade e, cada qual a seu modo, traçam planos para enterrar o cotidiano medíocre e o passado penoso.

Lobato almeja ser um grande empresário, e não mede esforços para tanto. Imiscuindo-se com espírito camaleônico em círculos sociais mais elevados, cortejando políticos e poderosos em geral, chega a erguer um dos complexos turísticos mais importantes do país.

Jacqueline, que adota o nome afrancesado depois de adulta por vergonha do María Magdalena tão mexicano e popular, busca ascender e diferenciar-se pela via do refinamento cultural; frequenta reuniões "eruditas", faz cursos de história da arte e participa de oficinas literárias.

Diferentes, para não dizer opostos em matéria de preferências e sensibilidades, eles têm, no entanto, um traço em comum: a queda pela infidelidade. O que buscam por essa via? Lobato, fica claro, somente prazer. A dissimulada Jacqueline, porém, manipula sua fileira de amantes para atingir uma finalidade "maior": a eliminação do marido.

ERRATA

Copyright © 1991 by Editorial Anagrama
Publicado mediante acordo com Michael Gaeb Literary Agency — Berlim

A presente tradução foi realizada com o fomento do Programa de Apoio à Tradução de Obras Mexicanas (ProTrad).
La presente traducción fue realizada con sustento del Programa de Apoyo a la Traducción de Obras Mexicanas en Lenguas Extranjeras (ProTrad).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La vida conyugal

Capa
warrakloureiro

Foto de capa
Ecell/ Getty Images

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Arlete Souza
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pitol, Sergio
Vida conjugal / Sergio Pitol ; tradução Bernardo Ajzenberg. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: La vida conyugal.
ISBN 978-85-359-1427-6

1. Romance mexicano I. Título

09-02167 CDD-863

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance : Literatura mexicana 863

[2009]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

VIDA CONJUGAL

SERGIO PITOL

Vida conjugal

Tradução
Bernardo Ajzenberg

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1991 by Editorial Anagrama
Publicado mediante acordo com Michael Gaeb Literary Agency — Berlim

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La vida conyugal

Capa
warrakloureiro

Foto de capa
Ecell/ Getty Images

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Arlete Souza
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pitol, Sergio
Vida conjugal / Sergio Pitol ; tradução Bernardo Ajzenberg. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: La vida conyugal.
ISBN 978-85-359-1427-6

1. Romance mexicano I. Título

09-02167 CDD-863

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance : Literatura mexicana 863

[2009]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

VIDA CONJUGAL

1.

Jacqueline Cascorro, a protagonista desta história, conheceu durante boa parte da vida as experiências conjugais de costume: brigas, arroubos, infidelidades, crises e reconciliações. Tudo mudou de repente quando, ao quebrar com as mãos uma pata de caranguejo e ouvir uma garrafa de champanhe sendo aberta às suas costas, se deixou dominar por um pensamento que depois retornaria de modo intermitente, transformando-a, para sempre, numa mulher de ideias muito más.

Durante anos, um caderno azul a acompanhou, sem que ela tivesse consciência disso, nas várias mudanças decorrentes de sua infeliz vida matrimonial. Um caderno bem fino, preso com elástico a um conjunto de cadernetas com anotações sobre literatura e história da arte guardadas no fundo de uma caixa lindamente ornamentada, adquirida em Pátzcuaro durante a viagem de lua de mel. Essa caixa se encontra na adega do L'Aiglon, um restaurante de Cuernavaca onde Jacqueline deixou as coisas de casa quando decidiu mudar para Veracruz. Certamente ficaria espantada se lesse os trechos literários

copiados muitos anos antes naquele caderno esquecido. Sentiria uma saudade melancólica dos esforços intelectuais que alimentaram seu lado mais nobre, seu lado mais puro, o único que, por algum tempo, ofereceu-lhe alguma segurança, rompida na raiz pela violência que, com um estardalhaço gigantesco, abalou sua vida. Pois, a partir de certa altura, já não lhe foi possível alimentar nenhuma ilusão a respeito: sua vida espiritual se estilhaçara por completo.

Jacqueline tinha usado duas páginas daquele caderno para transcrever as citações literárias que lhe interessavam, e uma terceira para expressar sentimentos em relação ao que considerava o seu fracasso matrimonial; o restante ficara em branco. Não era difícil perceber que aquelas anotações tinham sido registradas durante uma onda de intenso rancor, numa das crises iniciais do casamento, antes de ter se resignado a aceitar as infidelidades do marido como algo normal. Alicia Villalba, a prima pobre de Nicolás Lobato, que trabalhava como secretária dele, e outras funcionárias mantinham-na a par, todos os dias, das atividades do cônjuge infiel. Podiam passar horas inteiras grudadas ao telefone descrevendo as vulgaridades de uma falsa loira com quem Nicolás se trancava no quarto número 17, e ainda davam detalhes: no segundo andar — como se o número do andar tivesse alguma importância! — do hotel Eslavia, que ficava em Orizaba, pois ele raramente punha os pés no Asunción, muito menos para efetuar seus cerimoniais de galanteador, na certa por considerá-lo bem abaixo de sua categoria. O fato é que, com pouco tempo de casada, Jacqueline aprendera a não sofrer como uma fera enlouquecida, o que não significava de modo algum que aprovasse a vida devassa de Nicolás Lobato. A leitura de algumas páginas escolhidas ao acaso de *Fisiologia do casamento*, de Balzac, levou-a à conclusão de que a maioria das mulheres com poucos anos de casadas sente em relação a seus maridos nada mais que uma pro-

funda aversão, uma repulsão quase absoluta, resultado típico da tirania a que, com tanta arbitrariedade, são submetidas.

A primeira coisa que havia copiado no caderno azul fora uma afirmação categórica do escritor francês: "A vida matrimonial repousa toda ela na cama". Destacara essa frase com três ou quatro pontos de exclamação, e em seguida a rabiscara num acesso de raiva, bem como os sinais de exclamação que lhe tinha aposto.

Escrevera depois, com uma caneta de tinta verde, que a vida se alimenta de paixão e que nenhuma paixão consegue sobreviver ao casamento.

E também que o casamento é uma instituição necessária para a preservação da sociedade, mas que, no entanto (e aqui acrescentou entre parênteses a exclamação: *hélas*!), essa instituição contraria as leis da Natureza, que a mulher casada é tratada como escrava, que não existem casamentos totalmente felizes, que a história do casamento é repleta de crimes e que os assassinatos que chegam ao conhecimento das pessoas nem são necessariamente os piores. Sublinhara essa última afirmação várias vezes, com tintas de cores diferentes, como se, já naquela época, o sopro de uma premonição lhe tivesse roçado o rosto.

O caderno azul em que registrara essas e outras citações literárias, abandonado numa adega de Cuernavaca de onde nunca mais o retiraria, já havia desaparecido de sua memória vários anos antes da mudança para Veracruz. Com mais rapidez ainda, tinham se apagado as circunstâncias em que aquelas linhas haviam sido redigidas. Se alguém lhe tivesse perguntado quando e com quem ela havia sido infiel ao marido pela primeira vez, teria respondido que seu primeiro amante, sem a menor sombra de dúvida, fora Gaspar Rivero, um miserável a quem ajudou da maneira mais desinteressada para depois receber em retribuição apenas punhaladas humilhantes, e que isso acontecera pouco antes que ele começasse a trabalhar no Asunción, um hotel

carente de qualquer charme perto do Monumento a la Revolución, sem se lembrar do verdadeiro precursor, um engenheiro que conhecera numa festa na casa de Márgara Armengol. O episódio desaparecera de sua memória completamente. Se algum médico ou um hipnotizador lhe tivesse feito, depois de adormecê-la, alguma pergunta a esse respeito, ela talvez conseguisse se lembrar da ocasião em que um homem, que já não era exatamente jovem, lhe foi apresentado numa festa e ela o convidou, por mera cortesia, a se sentar ao seu lado; tinha bebido, já então, algumas taças bem generosas, e disse àquele total desconhecido que um eminente professor de filosofia havia admitido pouco antes naquela mesma casa que a sensibilidade dela era uma das mais aguçadas com que ele já havia deparado em sua longa carreira profissional, a ponto de mencioná-la como exemplo perante um grupo de cafonas invejosos que podiam ter tudo menos aquilo, sensibilidade, e imediatamente explicou ao guanajuatense o quanto ela precisava lutar para preservar aquele dom maravilhoso contra os golpes baixos aplicados pelo homem brutal que tinha como marido, um verdadeiro bárbaro, que reduzira os interesses da vida dele apenas a dinheiro e luxúria.

— Por mais que me digam o contrário, tenho certeza de que ninguém nunca conseguirá imaginar no que um ser humano pode se transformar com o passar dos anos — murmurou, em tom confidencial, ao desconhecido. — Nunca poderia ter imaginado que aquele Nicolás Lobato que eu conheci e que depois se tornou meu marido — não precisa se desculpar, o senhor não teria motivo nenhum para conhecê-lo, não é uma pessoa que se tenha destacado em algum aspecto —, fosse se transformar naquilo que é agora. Nós nos encontrávamos de tarde no café de Mascarones. O senhor chegou a conhecê-lo?

— Quem? — perguntou o outro, que prestara pouca atenção a suas palavras.

— Ninguém. Estou falando do café de Mascarones. Ficava dentro da Faculdade de Filosofia e Letras quando esta ainda era na Ribera de San Cosme. Um lugar maravilhoso. Até hoje, todos nós que o frequentávamos nos sentimos órfãos. Foi nesse café que conheci Nicolás Lobato. Ele não gosta que as pessoas saibam disso, não sei por quê, pois agora se dedica a outras atividades, já que nem ele nem eu conseguimos concluir os estudos. Nicolás estudava ciências políticas. Passava as tardes enfiado numa biboca na região de Miguel Schultz, perto do prédio da Filosofia e Letras. Passei várias vezes ali para pegá-lo. Era um casarão deteriorado de dois andares que ninguém podia imaginar que alojasse uma instituição universitária! Que diferença em relação à minha faculdade! A mesma que existe entre o céu e a terra, entre meu marido e esta que vos fala, se me perdoa a falta de modéstia — deu uma breve gargalhada. — Nicolás aparecia quase todas as tardes no Mascarones. Tinha na faculdade uma aula de geografia e outra que não sei qual era, acho que de alguma língua, provavelmente inglês. Tenho certeza de que nem mesmo ele sabe, agora, o que estudava então. Foi sempre negligente e desorganizado nos estudos. Passava a maior parte do tempo na cafeteria, e foi graças a isso que nos conhecemos. Voltávamos, à noite, nos mesmos ônibus. Eram dois, pois não havia um direto que me levasse até em casa. Ele descia na Eugenia, no bairro do Valle, e eu continuava até Coyoacán. Às vezes Márgara ia conosco. E assim nasceu nossa amizade. Morávamos muito perto uma da outra. Eu vivia na rua Berlín, pertinho desta casa, de onde ela nunca saiu. Nossa propriedade era uma maravilha — disse com um tom nostálgico. — Nós jamais conseguimos nos desligar totalmente das paredes que envolveram nossa infância. Quando me casei, minha mãe, viúva, com todas as filhas já casadas, mudou-se para um apartamento em Narvarte. O que poderia fazer, a pobre coitada, naquele casarão? Nicolás era filho único. Desde pequeno, sem-

pre torcia os tornozelos ao caminhar. Segundo Alicia Villalba, sua prima, uma mulher que se veste como um verdadeiro homem, com gravata e tudo, esse detalhe explica boa parte do seu comportamento. Namorávamos havia uns seis meses quando o pai dele adoeceu e obrigou-o a tomar conta da casa de ferragens, que ele logo depois herdou, no centro da cidade, na rua Mesones. Agarrou-se nessa tábua de salvação para justificar o abandono da universidade, quando na verdade já não aguentava mais a vida de estudante. Estava muito apaixonado por mim, devo reconhecer, de modo que, mesmo que ele não estudasse mais na faculdade, continuamos a nos encontrar com alguma frequência. Reconheço também que, como namorado, nunca me pressionou de modo indevido, e assim consegui chegar virgem ao altar, o que naqueles tempos, posso lhe assegurar, ainda era algo prestigioso. Com a morte do pai, ele ficou com a casa de ferragens e um bom dinheiro, e começou a voltar seus interesses para a hotelaria. Vendeu a casa de ferragens, no que fez muito bem, pois não gostava daquilo. Começou a respirar. Depois, certamente lançou mão de mil e uma trapaças para conseguir ficar dono, por alguns poucos pesos, de hotéis deteriorados ou já meio moribundos. Comprou primeiro o Asunción, aquisição que nunca o satisfez, um hotel sórdido, muito desvalorizado, localizado entre o Monumento a la Revolución e o Paseo de La Reforma e que já no dia seguinte à compra só lhe causava antipatia. Depois foi o de Orizaba, bem mais agradável, o Eslavia. Desde então, só pensa em construir um hotel imenso em Cuernavaca. É sua obsessão. Essa e, mais do que nenhuma outra, as mulheres — fez uma pequena pausa para beber um gole. Ao ver que seu interlocutor, que ela mesma condenara à mudez, estava prestes a se levantar, apoiou a mão sobre sua coxa para segurá-lo e prosseguiu: — Não tenha medo, não vou intoxicá-lo com histórias dos meus problemas conjugais. Olhe, se existe alguma coisa de que eu realmente gosto, é vir aos

sábados à casa de Márgara. Mais do que colegas de universidade, fomos irmãs desde o começo. Gosto da atmosfera que se respira nesta casa. Cultura pura! No fundo, todos nós temos um pouco de boemia no sangue, não acha? Aqui eu me sinto como um peixe dentro d'água. Como o senhor já pôde ver, fiz tudo o que esteve ao meu alcance para impedir que minha vida espiritual desaparecesse. Sempre é difícil, para um homem, entender o que significa para uma mulher a possibilidade de se aperfeiçoar — e, sem lembrar que pouco antes já mencionara o casarão de sua infância, continuou: — Não fica muito bem que lhe conte tudo isso, mas em minha casa éramos cinco filhos, três mulheres e dois homens, e, até meu casamento, as três irmãs tinham de dividir um único quarto, María Dorotea, María del Carmen e eu, que ainda levava um nome horroroso. Como seria possível ler alguma coisa nessas condições? Quando é que eu poderia me preparar para as provas? Ainda mais com uma lâmpada ridícula de 60 volts! De onde tirar dinheiro para comprar os livros necessários? Fiz o que pude! E muito mais, eu diria! Saúde! Como eu lhe disse, Nicolás Lobato só pensa em dinheiro e luxúria. Éramos muito jovens quando nos casamos. Num certo sentido, no dia do casamento eu ainda era uma menina. Nunca poderia ter imaginado o que me aguardava. Com exceção de Alicia Villalba, que é muito, muito masculina, Nicolás não poupou nenhuma das mulheres que trabalharam em suas empresas; mesmo que seja apenas uma vez, ele precisa submetê-las, desculpe-me pela expressão, às suas armas. Deve tratá-las como se fossem putas, que é como ele gostaria de poder me tratar também — serviram mais uma bandeja com bebidas, ela bebeu outra cuba-libre e continuou a falar de suas peripécias matrimoniais, até descobrir, a certa altura, que o sujeito a quem confiara tantas intimidades não estava mais ao seu lado, que tinha continuado a falar, na verdade, para uma dupla de rapazes que brincavam de pôr e tirar uma peruca loira muito maltratada e que

acabaram por encaixar na cabeça dela como se fosse um capacete. Faziam-lhe as perguntas mais atrevidas e riam diante de seu desconcerto e das respostas pudicas que dava. Em meio a gargalhadas, relatavam aspectos arrepiantes da vida sexual de uma tal Cuquita, "a gordona com a bunda mais verde que já se viu no México", acrescentando a "qualificação" toda vez que pronunciavam seu nome, mulher a quem ela não conhecia nem tinha interesse em conhecer, e comemoravam com ataques de riso cada nova obscenidade que enunciavam, o que a certa altura levou-a a ficar de pé e gritar-lhes que eram uma dupla de bobos, que não sabiam com quem estavam tendo a honra de conversar, que, se ainda não se tinham dado conta disso, estavam naquela noite lidando com uma dama, estavam falando... Nesse instante, deu-lhe um branco no cérebro. Olhou ao redor. Viu uma série de rostos, não apenas o da dupla de rapazes impertinentes que a contemplavam com uma expectativa divertida, e encerrou a conversa como pôde, repetindo que era aquilo mesmo, eles estavam falando com uma dama, com uma senhora que tinha sofrido muito na vida e que por isso merecia outro tipo de tratamento e não que o marido, um Átila no sentido mais amplo da palavra, andasse com suas funcionárias ou com qualquer piranha que aparecesse, para comê-las nos fins de semana em Cuernavaca... A dupla de rapazes soltou uma nova gargalhada e ambos, quase em uníssono, lhe disseram que ela não devia ser assim grosseira e que parasse de se martirizar. O marido, por acaso, ficava exaurido depois daqueles fins de semana orgíacos? Certamente não. Os sexólogos mais eminentes diziam que o pênis de um homem, mais do que no caso de outros animais, era como um sabão que nunca se gasta e que quanto mais uso tivesse melhor trabalho fazia. Ergueu-se novamente, pois lhe pareceu que os dois estavam claramente lhe faltando com o respeito e ela não queria, em consideração a Márgara Armengol, fazer na casa dela a cena que

naquele instante fantasiava. Ao passar para a outra sala, descobriu que restavam poucos convidados. Márgara logo surgiu ao seu lado, perguntando se não se sentia bem, se por acaso alguma bebida lhe tinha feito mal, pois vários convidados tinham admitido sentirem-se indispostos e o atribuíam à qualidade do álcool, o que lhe pareceu um gesto nada delicado por parte da anfitriã, já que havia sido ela, Jacqueline, quem tinha trazido as bebidas naquela noite. Porém, como uma verdadeira dama, ela nada comentou. Em seguida, a anfitriã perguntou se não seria melhor que alguém a levasse para casa, ou se preferia aguardar um pouco até que a reunião terminasse e ficar para dormir ali mesmo, no estúdio. Não a deixaria ir embora sozinha, isso nunca, pois era evidente que estava bem alta. Nesse momento, o convidado a quem ela tinha falado sobre os inúmeros inconvenientes de ser casada com Nicolás Lobato reapareceu e, a pedido de Márgara, disse que claro, com o maior prazer a acompanharia à casa dela, embora na verdade a tenha levado para o apartamento de um amigo, já que ele, sendo de Guanajuato, não tinha casa na Cidade do México. Ela voltou a encontrar esse sujeito — cujo nome parece nunca ter sabido — mais duas vezes nas festas de Márgara, tendo ocorrido a mesma coisa ao final de ambas as ocasiões. Na última vez que esteve naquele apartamento, enquanto contava ao guanajuatense que tipos de amantes o marido preferia, ele foi a uma estante, pegou a *Fisiologia do casamento*, de Balzac, e colocou em suas mãos dizendo que se tratava de um presente, o que a ela pareceu tão indelicado quanto os comentários de Márgara sobre as bebidas, já que aquele apartamento, e portanto tudo o que nele havia, não eram de sua propriedade.

Se aquele homem voltou depois para Guanajuato era algo que ela não sabia nem se interessava em saber. E se Jacqueline voltou a encontrá-lo em alguma outra ocasião deve tê-lo cumprimentado com uma indiferença próxima da grosseria, o que não

impediu que naquele apartamento emprestado onde passou a noite em três ocasiões ela tivesse falado sem parar, voraz e atropeladamente, sobre a vez em que Alicia Villalba, a prima e secretária do marido, telefonou-lhe pouco tempo depois de seu casamento para avisar que naquele fim de semana Nicolás não voltaria para casa pois precisava viajar para ver uns terrenos que estavam à venda em Cuernavaca, e acrescentar que ele havia tentado se comunicar com ela várias vezes sem no entanto conseguir localizá-la, motivo pelo qual ele a encarregara de informar Jacqueline sobre a viagem, e acrescentar ainda que Nicolás tinha convidado uma nova funcionária que tinha um cabelo bem sujo pintado com de cor de cenoura e meias roxas como as das prostitutas mais vadias, e a partir daquele momento ela, que chegara virgem ao casamento, soube que não seria a única mulher no leito do marido. Por isso, quando Nicolás ia a Cuernavaca, ela participava, como uma forma de compensação, das reuniões culturais na casa de Márgara Armengol, ouvindo conversas sobre livros, teatro, cinema — e não apenas sobre negócios, como vinha ocorrendo ultimamente em sua casa. Nunca mais nem sequer se recordou do nome e do rosto do homem de Guanajuato, daí a impossibilidade de tê-lo considerado seu amante. E até mesmo quando ele de fato o fora, quando estava sob o corpo dele, excitada, ao que parecia, pelos eflúvios da paixão, e ele fazia a língua passear por suas coxas ou assediava seus seios com pequenas e delicadas mordidas, ela continuava a contar como Nicolás Lobato tentava embrutecê-la, como procurara destruir sua sensibilidade, tentativa fracassada graças à convivência, que a alimentava tanto, nas noites de sábado, com pessoas de nível superior, e que, se dependesse dela, passaria a vida inteira na companhia de Márgara e seus amigos sofisticados, embora devesse reconhecer que nos últimos tempos tinham aparecido na casa, o que era lamentável, alguns jovenzinhos grosseiros prontos para se exceder assim que

descobriam a presença de uma mulher sozinha sem ninguém que a defendesse. Foi por isso, para manter a proximidade com Márgara, que ela, ao ser pedida em casamento, impôs como condição que morassem em Coyoacán, o que Nicolás aceitara apesar de, coisa curiosa, não enxergar a amiga dela como realmente uma pessoa; e isso era assim desde que eles eram estudantes, e os três tinham de voltar para casa no mesmo ônibus.

Jacqueline se transformou num estorvo. Não fosse o fato de fornecer os itens mais essenciais para a realização daquelas reuniões semanais, ela nunca mais teria sido convidada. Passou vários anos contando aos amigos de Márgara Armengol — os quais a temiam como a peste, esquivando-se sempre que possível — como o marido a humilhava e como se entediava com os homens de um modo geral e às vezes com a própria vida, com exceção dos livros, da pintura, da música, do teatro, das flores, da conversa sempre inteligente de Márgara, sua colega de universidade, sua vizinha, mais irmã do que amiga, e do seleto grupo de que ela tinha sabido se cercar. Aquele era, dizia abrindo os braços gorduchos e mexendo-os com eloquência, o único mundo que podia considerar realmente seu, o único também onde podia respirar a plenos pulmões. Márgara sempre pedia a algum convidado, como um favor especial, para entretê-la. De vez em quando, Jacqueline ia a livrarias e comprava algumas novidades. Folheava-as com dificuldade, lia as orelhas e fingia a si mesma que estava se atualizando culturalmente.

Seis ou sete anos se passaram dessa maneira. Aos dois hotéis, Nicolás somara uma agência de viagens na rua Londres que se revelou uma mina de ouro, mas que não significou nenhum tipo de mudança na vida de Jacqueline. A mudança — e que mudança! — deu-se no dia em que, ao chegar em casa, encontrou Adrián na sala, seu irmão caçula, um folgazão, um zero à esquerda, um golpista, que ultimamente vinha tentando ganhar a vida

publicando de vez em quando algum artigo insosso em um vespertino popular. Desde a adolescência, ela considerava seu irmão Adrián um rapaz prepotente, um pidão que ainda por cima se achava dono do mundo — combinação absolutamente desastrosa. No tom mais seco que conseguiu emitir, perguntou-lhe qual o motivo que o levava a aparecer na casa dela sem aviso prévio, e nesse instante percebeu que havia outro jovem na sala, vestido de modo quase idêntico ao do irmão, com um terno de tipo jaquetão em risca de giz. Os dois se levantaram imediatamente. Ainda assim, preferia Adrián a Marcelo, o irmão mais velho, cujo aspecto sinistro e hipócrita a repugnava. Adrián podia escrever só bobagens, mas ela não podia negar que entre um jornalista e um ambulantezinho qualquer havia uma diferença abismal. A aparência de Marcelo, para não falar na de sua mulher, cujo nome ela nunca conseguia lembrar, era inacreditável. A única virtude que conseguia ver nele era o fato de nunca passar por perto da casa dela na hora do almoço, e de não ser um golpista. Nunca tinha tentado tirar dinheiro dela nem de Nicolás. Mais do que isso, parecia não ter nenhuma vontade de se aproximar deles.

— Tenho certeza de que você não faz ideia de quem é este aqui — disse Adrián jovialmente, apontando para o outro rapaz, sem captar, pelo visto, a rudeza da recepção que tivera. — Olhe bem, adivinhe, aposto quanto quiser que não irá acertar. E aí? Já sabe? Já sabe? É nada mais nada menos do que Gaspar Rivero, um dos nossos primos de Orizaba — a cena de autoritarismo que ela estivera a ponto de engendrar congelou-se de imediato. O primo Gaspar cumprimentou Jacqueline de forma respeitosa, porém não servil, e acrescentou que seria mesmo difícil que ela se lembrasse dele, pois quando certa vez ela e seus pais passaram por Orizaba rumo a Veracruz ele era um menino tão tímido que, ao vê-los, tratou de desaparecer da sala com medo de que o obrigassem a abrir a boca.

— Nunca ouvi uma voz tão perturbadora como a dele — confidenciou a Márgara no dia seguinte. — Você acha possível se apaixonar por uma voz? Era como se ela se destinasse somente a mim. Não sei como descrever. A única coisa que posso dizer é que nenhuma outra voz jamais produziu em mim uma sensação como essa.

— Ele também se interessa por literatura?

— Na verdade, não consegui prestar atenção no que dizia. Com exceção das primeiras frases, nem sei do que ele falou.

Quando Márgara lhe fez as perguntas de praxe, ela não conseguiu dizer se o jovem era atraente ou não. Com algum esforço, conseguiu lembrar que era magro. Quanto à altura, não tinha certeza. Gordo não era. Talvez de estatura média, arriscou, como seu irmão Adrián. Lembrava-se, no entanto, de que seu rosto era anguloso, a pele meio descuidada, as maçãs do rosto marcadas demais, e que tinha cílios longos, tão longos que desciam até quase cobrir os olhos.

Ao final, no dia anterior, aquele do encontro, ao ouvir o primo falar em timidez e medo de estranhos, sorriu com benevolência. Esperava que Adrián lhe desse alguma explicação sobre a presença dele e daquele parente em sua casa. Como o silêncio se prolongou demais, decidiu tomar a palavra. Pediu-lhes que se sentassem e ofereceu-lhes algo para beber. O marido chegaria no máximo em meia hora, detalhou, e os dois então almoçariam rápido, pois naquele período ele estava voltando à tarde para a agência. Nesse ínterim, Jacqueline ficou conhecendo o motivo da visita do irmão, o qual, pela primeira vez depois de muito tempo, não foi expulso dali com gritos e insultos. A mudança nela era tão grande que chegou a convidar os jovens para almoçar com eles. Adrián decidiu deixar bem claro que queria apresentar Gaspar, o primo esquecido de Jalapa, a Nicolás. Gaspar já tinha vivido na Cidade do México alguns anos antes, quando fez um curso de turismo, sem no entanto concluí-lo.

Nos últimos anos, trabalhara em diferentes hotéis de Veracruz. Chegara à capital havia algumas semanas. Procurava uma maneira de prosseguir os estudos, mas precisava trabalhar. A quem recorrer num caso como esse, senão aos familiares? Gaspar o procurara e finalmente o localizara. Ao ficar sabendo de sua situação e de sua experiência em assuntos de hotelaria, imaginou que talvez Nicolás se interessasse pelos serviços de uma pessoa em quem pudesse depositar toda confiança.

— A única pessoa que seu marido escuta é você, María Magdalena — comentou Adrián.

— Jacqueline! Mesmo que para você seja difícil pronunciar esse nome — respondeu ela, taxativa. Na meia hora de grande confusão que se seguiu, viu-se obrigada a perguntar sobre sua mãe e irmãs, que fazia muito tempo não via, embora, como boa filha que era, enviasse um cheque à mãe todo mês pelo motorista, e prosseguiu perguntando sobre o irmão Marcelo, as irmãs, os cunhados e sobrinhos, e, para demonstrar sociabilidade, pediu também ao primo notícias de sua família, da qual nada recordava. Adrián surpreendeu-se com a súbita simpatia que via nascer na irmã. E, diante desse fluxo de bons sentimentos, confessou-lhe que aproveitaria também a oportunidade para tentar obter um empréstimo do cunhado, uma quantia nada exorbitante, que lhe permitisse saldar algumas dívidas improrrogáveis. Não pedia nenhum presente, e queria deixar isso muito claro. Encontraria uma forma de lhe pagar com publicidade para seus hotéis e sua agência de viagens no jornal em que trabalhava.

— Seu marido é um homem generoso quando se sabe tratá-lo bem — continuou. — O obstáculo sempre foi você. Quando alguém faz um pedido a Nicolás, a resposta é sempre a mesma: "Fale primeiro com minha mulher, que depois acertamos os detalhes!". E aí tudo para!

Ficou pasma com a ousadia do irmão em expor essas intimi-

dades. Uma hora mais tarde, estavam todos sentados à mesa. Nicolás exultava de felicidade naqueles dias. Tudo em sua vida parecia caminhar rumo à perfeição. Acabara de adquirir um amplo terreno nos arredores de Cuernavaca, um palmeiral. Tinha corrido meses atrás dele, tentando resolver dificuldades legais bastante espinhosas em matéria de direitos de propriedade, e finalmente o palmeiral era seu. Planejava construir um complexo turístico inédito na região. Foi uma refeição alegre. Disfarçadamente, Jaqueline olhava de relance sua própria imagem no espelho do aparador. Foi sorte ter estado no salão de beleza no dia anterior! Talvez até uma premonição! Seria possível que estivesse certo o que lhe dissera a cabeleireira sobre seu cabelo? Que estava a cada dia mais ralo? Não acreditava nisso. A mulher se confundira, acostumada que estava a lidar com cabelos duros, como os da maioria das mexicanas; o seu era um cabelo muito delicado, cabelo de anjo, como dizia o pai quando ela era criança. De toda maneira, tinha feito um bom penteado. Percebia os olhares de soslaio com que o primo a estudava. Pensou, isso sim, que precisava se submeter a uma dieta leve. Observou com desgosto seu pescoço pequeno, mais largo do que o desejável; seu rosto grande, de imperador romano, ficaria muito melhor com uma redução radical. Faria exercícios. Seria disciplinada, constante. Agora sim! Sim, sim, sim!, disse a si mesma com evidente desconfiança. Mas o brilho dos olhos, a pele limpa e delicada e o sorriso cristalino compensavam as outras deficiências. Tinha certeza de que poderia competir com as mulheres que o primo teria conhecido em Orizaba e até mesmo com as de Veracruz. Nem mesmo seu peso constituía motivo para desespero. Começaria a fazer exercícios no dia seguinte. Participou da conversa com muita desenvoltura; falou sobre o modo como se comportaria quando se tornasse a rainha daquele conjunto hoteleiro com sede em Cuernavaca. Todos aplaudiram suas ideias. Nicolás Lobato ficou surpreso com

aquele tom jovial, ausente fazia muito tempo de sua casa, e considerou que precisava convidar com mais frequência os familiares da esposa para ter a oportunidade de desfrutar aquele rejuvenescimento e esquecer o timbre de fastio, tensão e queixas que caracterizava as conversas habituais do casal.

Como se tivesse adivinhado o pensamento do marido, Jacqueline caiu na tristeza depois da súbita onda de euforia. Observou os ternos com riscas de Adrián e do primo, a mediocridade do tecido, a deselegância do corte, ternos certamente comprados em alguma loja de segunda, e comparou-os com o maravilhoso cashmere e o corte perfeito das roupas do marido. Recordou a infância, a vida num beco de Coyoacán que era na verdade quase um pátio comum, um corredor com dez casinhas mínimas de cada lado, a desesperança cotidiana. Pensou na mãe, dentista, atendendo a uns poucos clientes num consultório de quinta categoria por nunca ter tido dinheiro suficiente para comprar o equipamento adequado; no enfisema do pai, um funcionário insignificante da Secretaria da Educação, cuja doença foi crescentemente penosa, até se tornar infernal nos meses imediatamente anteriores à sua morte; a vida à beira da miséria, um quarto minúsculo para ela, María Dorotea e María del Carmen, os cosméticos de uso comum, a falta de meias, de roupas para o inverno e tantas outras coisas, principalmente comida, e sentiu vontade de chorar. Sentia-se orgulhosa de ter escapado daquele inferno. Contra todos os obstáculos imagináveis, tomara a decisão de se matricular na universidade e de, antes mesmo de casar, trocar María Magdalena Cascorro, com que fora batizada e que odiava, por Jacqueline, que lhe dava mais autoconfiança e servia como uma compensação para toda a merda que já tinha sido obrigada a engolir. Não mudou o sobrenome porque isso ofenderia os pais, mas passou a pronunciá-lo à francesa: Cascorrô. Jacqueline Cascorrô! E essa revisão interior de suas antigas atribulações fez com que sentisse ainda mais simpatia por aquele

jovem que aparecia de repente em sua vida, o qual, sem nenhuma dúvida, conhecera uma vida semelhante à dela e estava decidido a deixá-la para trás. Voltou a se observar no espelho, notando a profunda desolação que marcava seu rosto, produzida certamente por aquela onda de recordações negativas. Contemplou os três homens que conversavam com grande animação, e ocorreu-lhe que talvez o único deles capaz de intuir seus estados de ânimo, de valorizar sua sensibilidade, era o primo recém-surgido, e se propôs a ajudá-lo. Assim que o café fosse servido, tomaria de assalto a fortaleza: se transformaria num anjo flamífero, leoa feroz, princesa dadivosa. Gaspar conseguiria um trabalho, talvez a administração de alguns dos hotéis ou algum cargo na agência de viagens, qualquer coisa que, é claro, não tivesse nada a ver com o novo projeto turístico de Cuernavaca.

Surpreendeu-se com a ousadia de seus próprios pensamentos.

Como imaginava, não foi difícil convencer o marido a contratar Gaspar, e, a partir daí, estabeleceu-se uma relação íntima entre os primos. A vida, para Jacqueline, tornou-se mais intensa e colorida. Seu casamento se renovou. Frequentou menos a casa de Márgara Armengol, e nas poucas vezes em que compareceu a suas reuniões não incomodou os convivas com a surrada história da linda flor esmagada pelas botas do marido brutal, incontrolável e tirânico.

Tudo andava bem até o instante em que, ao quebrar uma pata de caranguejo e ouvir uma garrafa de champanhe sendo aberta às suas costas, ela se deixou dominar por um mau pensamento. Foi como se um relâmpago a tivesse atravessado de cima a baixo, enchendo-a de energia: seus olhos brilharam, as mãos tremeram, seu coração bateu descontroladamente. E aquele pensamento passaria a visitá-la, de maneira intermitente, pelo resto da vida, transformando-a para sempre numa mulher de ideias não ruins, mas péssimas.

2.

Nicolás Lobato levou vários dias para decidir como encaixar o primo da esposa em suas empresas. Onde alguém como ele realmente fazia falta era na nova propriedade comprada ao lado de Cuernavaca. Precisava de uma pessoa para supervisionar as obras que começariam ali, o ambicioso complexo que ele batizaria de "Las Palmas": hotel, piscinas, bangalôs, estábulos, quadras de tênis e campo de golfe. O terreno ficaria pronto em algumas semanas, e aí começaria a construção. Contrairia dívidas até o pescoço, mas isso não o incomodava: se tudo andasse como era possível imaginar, dentro de três ou quatro anos ele poderia se vangloriar de possuir um dos mais belos centros turísticos do país. Jacqueline se opôs ao deslocamento do primo. As obras a ser realizadas eram de uma magnitude descomunal, dizia ela; por isso, era necessário solidificar aquilo que eles já possuíam e que sustentaria o começo, o desenvolvimento e a finalização daquele empreendimento tão custoso, ao mesmo tempo em que lhes permitiria viver com alguma folga até que Las Palmas começasse a dar dinheiro. Por que não contratar Gaspar para cuidar da porcaria do

Asunción? Ele talvez pudesse sanear sua administração, da qual Nicolás, desde a hora em que adquiriu o imóvel, sempre desconfiara. Poderia vigiar de perto aquele gerente que já no início lhe causara uma péssima impressão. Para Las Palmas, seria mais conveniente alguém de Cuernavaca, que conhecesse as condições e as pessoas do lugar. Esses argumentos nada desprezíveis valeram a Gaspar Rivero, de imediato, o posto de encarregado do restaurante do Asunción, com a missão de vigiar, até onde fosse possível, a administração e a condução do hotel.

Mas é preciso voltar àquele pensamento ruim que perturbou a mente de Jacqueline, ao qual já se fez referência no capítulo anterior. O surgimento dessas más ideias se deu no dia 23 de abril de 1960, durante a comemoração do seu sétimo aniversário de casamento. Estava perto de completar trinta anos de idade. A festa foi realizada num restaurante campestre de Tlalpan. Cerca de duzentas pessoas estavam presentes. Jacqueline percebeu a mudança que se operava na vida do marido assim que Alicia Villalba lhe mostrou a lista de convidados para a recepção: políticos, banqueiros, donos de hotéis e restaurantes, gente da alta sociedade, além de algumas atrizes de cinema, para quebrar um eventual clima de formalidade na festa. Tudo transcorreu à perfeição. Jacqueline ficou impressionada com a naturalidade e a desenvoltura do marido no trato com todas aquelas pessoas, que ela só conhecia pelas colunas sociais. Nicolás se comportava como se tivesse sido colega de escola e nunca tivesse deixado de manter o contato com todos eles. Um tapinha nas costas aqui, outro ali, beijos no rosto das mulheres, sorrisos para todos. Admirou-se, pesarosamente, com a intensidade do brilho dos dentes de seu marido e com o bigode farto que havia cultivado nos últimos meses. Nicolás, era evidente, não comemorava apenas mais um aniversário de casamento, mas sim sua entrada no círculo social ao qual decidira pertencer para executar o projeto de Las Palmas. Sentimentos

híbridos tomaram conta dela: por um lado, o orgulho de ter aquele homem brilhante como marido e a segurança de que suas empresas seriam sempre bem-sucedidas; por outro, um inquestionável rancor por ter sido marginalizada pelo marido em sua nova e radiante vida, ao mesmo tempo em que dizia a si mesma, como se precisasse compensar-se com alguma coisa em desagravo, que aquela era uma vida vazia, falsa, mera fachada, incomparável com a intensa vida emocional que ela levava secretamente, e com os estímulos intelectuais que o círculo de Márgara Armengol lhe proporcionara no passado. Para evitar qualquer fragilização de sua parte diante do novo estilo de Nicolás, teve de rememorar que era ele, justamente, o inimigo de quem precisava se defender e a quem deveria abater. Observou que o grupo de Márgara e de seus amigos, na festa, não destoava em nada naquele cenário; percebia-se na mesa deles, talvez, certo toque de uma excessiva excentricidade, mas, de todo modo, com elegância; era um contraste que combinava bem com os outros convidados. Em compensação, a discrepância das duas mesas colocadas ao fundo do jardim, mais exatamente à entrada da cozinha, com o restante dos presentes não podia ser mais chocante. Uma delas era formada por sua mãe, que aceitara ir ao evento como a prestar um favor especial, María Dorotea, María del Carmen, os respectivos maridos e seu irmão Adrián. Marcelo não fora convidado. No meio desse grupo, certamente morrendo de tédio, estava sentado Gaspar Rivero. Se os trajes de seus cunhados eram lamentáveis, as roupas das irmãs estavam abaixo da crítica. Vestidos de seda pretos, largos como grandes bolas, descendo até os tornozelos, com punhos e colarinhos de renda verdes, casaquinhos também pretos cobertos por bijuterias de quinta categoria, chapéus de seda, provavelmente alugados, com penachos de plumas artificiais de cor verde-garrafa destacando-se num dos lados do rosto. Assim estavam elas. A presença do primo no meio daquele grupo ridículo exercia em Jac-

queline um magnetismo tão poderoso que ela não conseguia desviar os olhos da mesa por mais de cinco minutos. Quando olhava para aquele ponto, o que ela via na verdade era Gaspar Rivero. Aos seus olhos, as irmãs, os cunhados, o irmão Adrián e até mesmo sua pobre e querida mãe constituíam uma fauna barulhenta e excessivamente colorida que, numa primeira impressão, alguém poderia comparar a um grupo de araras. Na mesa ao lado, sentavam-se os funcionários de confiança de Nicolás. Apesar do traje de corte excessivamente masculino, Alicia Villalba parecia o máximo da elegância em meio àquele grupo inapresentável, uma gentalha vulgar, sem nenhuma condição de se misturar e conversar com os demais convidados.

A certa altura, ela conseguiu reagir. Precisava despregar os olhos da figura do primo e circular entre os diversos grupos com a mesma desenvoltura do marido. Sabia que era uma mulher de conversa boa, de sorriso fácil; tinha consciência de que seus recursos haviam se aperfeiçoado nas reuniões sociais de sábado na casa de Márgara Armengol. Perambulou pelo jardim fazendo saudações a torto e a direito, até que conseguiu juntar-se ao marido. Observou que algumas mulheres não dissimulavam certos sorrisos irônicos ou uma expressão de zombaria ao cumprimentá-la. Jacqueline não se alterou. Aquilo significava, e Márgara já havia lhe explicado várias vezes, que ela era dona de uma personalidade própria, não submetida a nenhuma moda, uma maneira de ser que se comprazia com o vestir-se e não com o uniformizar-se, como acontecia com a maioria das mulheres — e pelo quê estas dificilmente a perdoavam. Dias antes, quando passou em sua casa para deixar os convites para seus parentes, Alicia Villalba chegou a comentar com ela de passagem, muito respeitosamente, que Nicolás estava à procura de alguém, talvez um especialista em etiqueta, para assessorá-la quanto à melhor maneira de se apresentar em público. Estava a ponto de dar uma gargalhada ao recordar

essa insensatez, quando, de repente, vendo-se de corpo inteiro num espelho, pensou que talvez tivesse exagerado demais na ousadia ao se apresentar, nesse dia, com sandálias de plástico transparente e saltos fosforescentes. Esse adereço maravilhoso, refletiu friamente, era avançado demais para a sociedade mexicana, em geral muito conservadora.

À saída dos últimos convidados, o grupo considerado íntimo, aquele que permanecera nas mesas localizadas junto à entrada da cozinha, ou seja, a família e os empregados, dirigiu-se à casa dos Lobato, onde antes de sair Jacqueline pusera algumas garrafas de champanhe para gelar e dera ordem para que se preparassem bandejas com sanduíches. Alicia Villalba ofereceu-se para levar a mãe de Jacqueline até seu apartamento em Narvarte. Os outros saíram em grupo do restaurante, parabenizando os Lobato, prontos para desfrutar a segunda parte das comemorações. Seus familiares tinham se tornado para ela uma verdadeira cruz. É impossível dizer o quanto de sacrifício significava carregar nas costas, por toda parte, aquela fauna ruidosa e multicolorida! Temia que seus nervos não resistissem à tortura e que no momento menos esperado acabassem provocando nela um ataque histérico. Fazia o possível para isso não acontecer. As insinuações, as grosserias daquele grupelho de mortos de fome que se divertiam chamando-a em voz alta de María Magdalena sem se importar com as outras pessoas presentes, os pedidos constantes de dinheiro de Adrián e de suas irmãs, as intimidades, os abusos — aceitava tudo isso apenas para que seu acordo com Gaspar Rivero, de quem era amante fazia cerca de dez meses, fosse absorvido por aquele cruel tecido de ritos familiares.

Naquele epílogo caseiro e familiar do aniversário de casamento, iniciou-se uma nova fase em sua vida. Só conseguia se lembrar de que, num determinado momento da festa, ela quebrou a pata de um caranguejo com as mãos e que o som seco pro-

duzido por esse ato a assustou, que esse som coincidiu com o produzido pela abertura de uma garrafa de champanhe e que uma voz pareceu dizer-lhe: "estão atirando na casa", enquanto contemplava com um desgosto nascido nas regiões mais profundas de seu ser os passos de mambo executados por um quarteto de mulheres ligeiramente embriagadas e ouvia, vindas do outro lado da sala, as enormes gargalhadas do grupo masculino, que explodiam com força a cada piadinha obscena que Nicolás contava. Sentia-se desconcertada diante da mudança de personalidade que se operava no marido: ele conseguia ser um dândi naquele mundo elegante que passara a frequentar e, num átimo, tornar-se um ser abjeto no meio da plebe. Notou também o correto distanciamento que o primo mantinha, sua moderação, a barreira que estabelecia com seu sorriso glacial. Teve a certeza de que, no instante em que quebrou uma pata de caranguejo e ouviu uma garrafa de champanhe sendo aberta, se fechava uma fase de sua vida e se anunciava outra, mais plena, mais livre, na qual aquele jovem, seu primo, seu amante, não teria de ouvir as histórias grosseiras de ninguém, nem obedecer ordens nem se deixar atropelar pela prepotência com que Nicolás tratava seus subordinados.

A visão que ela teve foi deslumbrante e assustadora. Percebeu que não estava preparada para enfrentá-la. Começou a tremer. Depois, passou a rir. Sentia-se prestes a chorar de alegria. Gostaria de anunciar, a plena voz, sua felicidade; gritar com toda a força de seus pulmões. Mas não queria fazer papel de histérica diante daquela quadrilha abominável de gente grossa. Aprenderia a simular, a ocultar suas emoções, até obter a libertação definitiva. Estava cansada de lhe atribuírem desde a infância descontroles nervosos, quando na sua opinião as cenas que davam base a essas lendas não eram outra coisa senão manifestações de uma sensibilidade mais refinada do que a de suas irmãs. Pensou em ir ao banheiro, lavar o rosto, passar um pouco de perfume. Mas, assim

que se levantou, apesar de seu firme propósito de resistir, de chegar invicta ao objetivo final, sentiu que um soluço lhe saía do peito, coincidindo com a ruidosa abertura de mais uma garrafa. Notou certa confusão ao seu redor. Em meio à súbita maré de irracionalidade em que quase se afogava, Jacqueline teve lucidez o suficiente para saber que estava à beira de destruir seu triunfo antes mesmo de ter feito qualquer coisa para atingi-lo. Sempre se sentira orgulhosa da rapidez de suas reações, e naquele dia não seria diferente. Então, entre gemidos, tremores e soluços, começou a gritar:

— Está tremendo! Está tremendo! Meu Deus! Vocês não veem que está tremendo?

O desconcerto foi geral. Todos tentaram encontrar algum sinal: alguma coisa na casa estava se mexendo? Os candelabros? Os quadros? As cortinas? Nada! Tudo continuava em seu lugar.

— Que cena bem bolada para nos expulsar da casa! Devo admitir! — exclamou María Dorotea, com um gesto de indignação. — Coisa típica da María Magdalena! Essa eu conheço como a palma da minha mão. Tive que lidar com ela durante muitos anos. Mas não vamos deixar que hoje ela apronte mais uma das suas.

Os convidados beberam e dançaram até altas horas da noite. Com a ajuda do marido e de Alicia Villalba, que acabava de chegar, Jacqueline foi levada para o quarto e estendida na cama. Chorou intensamente, acalmando-se depois, pouco a pouco. Olhou-se no espelho; sentiu-se tão horrível que voltou a chorar por um bom tempo. Levantou várias vezes com vontade de gritar para os parasitas que dessem o fora de sua casa, de insultá-los por causa do volume exagerado da música, pelo barulho de suas vozes e suas risadas, mas, mal ficava em pé, voltava a se atirar na cama chorando. Toda vez que se via no espelho levava um novo susto. O rosto estava inchado; os olhos semicerrados, como os de uma ratazana, deixavam entrever um olhar que era de dar dó. O choro não

conseguira livrá-la da opressão vivida durante os sete anos de casamento que aquele dia tinha tido a infelicidade de comemorar. A duras, a terríveis penas, conseguiu se levantar. Saiu do quarto, avançou até a escadaria e dali, deitada no chão, ao lado da balaustrada, invisível para os demais, pôs-se a observar os convivas. Uma onda de irrefreável embriaguez parecia ter posto aquela corja insolente em total descontrole. Consternou-se ao ver Gaspar em mangas de camisa, sem gravata, dançando um mambo, em total entrega, com María Dorotea, que abria a boca sem parar, punha a língua para fora e para dentro, fingia mastigar um chiclete, como a mais vulgar dançarina de cabaré, aproximando com passinhos obscenos a parte inferior de seu corpo do corpo do primo, para na mesma hora afastar-se, pondo-se de cócoras na frente dele, com movimentos animalescos, dando a impressão de ser uma mulher que pedia perdão e ao mesmo tempo implorava pelo acasalamento com o macho, o que não só carecia de qualquer graça como chegava a ser repugnante. Um espetáculo horroroso! Nada teria lhe agradado mais do que ver Gaspar afastado dos outros, afundado numa poltrona, o rosto contraído pela tristeza, ciente, sabe-se lá como, da espantosa revelação que a mulher amada vivia naquele momento. Voltou devagarinho, apoiando-se nas paredes, para o quarto do casal. A crise tinha passado, deixando-a entre a exaltação e a melancolia. Fazia sentido correr os enormes riscos que lhe preparava o futuro imediato por um homem que, enquanto ela caía abalada pela emoção, se comprazia em dançar da maneira mais grosseira com uma mulher tão desprezível como María Dorotea? Sua mente já se punha a galopar desenfreadamente. Fazia planos; descartava-os. Os detalhes do projeto que deveria realizar num futuro próximo surgiam faiscantes, sem parar, misturavam-se, neutralizavam-se, deixavam-na aturdida. Os resultados lhe pareciam estar ao alcance das mãos. É isso mesmo, repetia a si mesma, seria preciso apenas que Gaspar

acelerasse os trâmites do divórcio. A mulher com quem ele estava casado resistia a deixá-lo livre. Jacqueline se sentia confusa. Os últimos dez meses tinham sido o período mais feliz de sua vida. Quando Gaspar lhe contava de sua infelicidade conjugal ou de sua preocupação com o futuro das filhas fazia com que ela compartilhasse sua tristeza, seus temores, transformando-se não só em amante, mas ao mesmo tempo em irmã, amiga e mãe.

Sentou-se novamente diante do espelho, secou as lágrimas, cobriu o rosto abundantemente com creme hidratante. Limpou-se com uma toalha. Estudou-se detidamente ao espelho e, aparentemente satisfeita, estendeu-se na cama e começou a recordar.

"Todo começo de um amor tem algo que se assemelha à aurora", costumava dizer Márgara Armengol. Numa certa manhã, ela se pusera diante do espelho e começara a experimentar roupas, primeiramente a mais elegante, para um bom tempo depois vestir apenas uma saia, um suéter, jogar por cima uma capa e pôr de lado, na cabeça, um velho gorro azul. Entre os seios, por cima do suéter, prendera uma bijuteria constituída por um pequeno ramalhete de margaridas; no meio de uma delas, estava incrustado um diminuto relógio; era um broche cujo mau gosto o marido, caçoando dela, sempre ressaltava. Dirigindo o carro rumo ao Asunción, sentia-se como uma estudante francesa partindo para o seu primeiro encontro amoroso. Na recepção do hotel, perguntou ao gerente, um homem grosseiro e de barba malfeita, o colarinho do paletó todo coberto de caspas, se sabia onde ela poderia comprar dois colares, um fino, de ouro, para o relógio, que lhe permitisse afastá-lo do peito uns trinta centímetros para não precisar tirá-lo toda vez que quisesse ver as horas, e um outro, comum, de couro, para o seu cachorro. Sim, era aquilo mesmo: um colarzinho de ouro para ela e uma coleira com uma corrente para o cachorro, ela repetiu ao sujeito mal-encarado, o qual, com evidente má vontade, lhe sugeriu passar no Sanborn's

mais próximo, que ficava no Paseo de La Reforma. Nesse momento, apareceu Gaspar Rivero, que obviamente ficou confuso com a presença dela ali. Jacqueline não tinha nenhuma dúvida de que a intensidade dos olhares trocados pelas costas do marido nas ocasiões em que tinham se encontrado na casa dela devia ter deixado claro ao primo que estava próximo o dia em que eles precisariam estar a sós. Ele então a acompanhou cortesmente até a porta do hotel, onde disse em voz baixa que não era conveniente que ela mostrasse conhecê-lo ali, pois Morales, o gerente, poderia ficar sabendo de quem se tratava e interpretar erroneamente aqueles encontros, passando ao marido dela uma versão equivocada a respeito deles.

Jacqueline perguntou, então, em qual hora seria mais prudente que ela passasse no hotel sem medo de topar com o gerente.

— Morales é um cachorro. Não conheço ninguém que seja mais cachorro do que ele — respondeu Gaspar. — Passa o dia todo enfiado no hotel. Se pudesse, ele o transformaria em canil e nunca mais sairia daqui, para não gastar com aluguel ou comida. Ele só sai, e a contragosto, aos sábados, depois do almoço, voltando na madrugada de segunda-feira — explicou Gaspar.

Na sexta-feira à tarde daquela mesma semana, Jacqueline lhe telefonou. Disse que Nicolás viajara para Cuernavaca, como de costume. Tinha certeza de que levara uma das suas ridículas amantes, mas não estava telefonando para dar detalhes sobre sua vida conjugal, tema que não tinha nada de interessante, e sim para convidá-lo a ir a uma reunião no dia seguinte à noite. Gostaria muito que ele conhecesse o verdadeiro mundo dela, onde se sentia como peixe dentro d'água. Sempre a vira enredada em ambientes hostis, como o dos funcionários de Nicolás, ou, pior, o de seus próprios parentes, dos quais tantas coisas a distanciavam, como ele certamente já tinha percebido. O que ela podia ter em comum, por exemplo, com o cunhado Jesús, o serralheiro? Pode-

ria dizer? Tinha ele notado como María Dorotea ficara inapresentável com aquela coroa de ouro que pusera na boca? Só de cumprimentá-los, seus nervos já ficavam à flor da pele. Queria, assim, que ambos convivessem no ambiente que era o da verdadeira família dela, não aquela derivada de uma fatalidade, mas a outra, que ela escolhera voluntariamente, um pequeno grupo de amigos de quem, ela tinha certeza, ele ia gostar. E foi assim que ela o levou a uma das reuniões de Márgara Armengol. Naquele sábado, caprichou nas compras e passou à tarde na casa da amiga para deixar os frascos de mariscos e aspargos, embutidos, presunto, vários tipos de queijo, nozes, frutas, uma ampla variedade de bebidas. Quando chegaram à casa de Márgara, os convivas ouviam um velho disco de Elvira Ríos. Gaspar insistiu para que dançassem. Ela disse, em voz baixa, que aquela música era apenas para escutar e que, além disso, na casa da amiga não havia o hábito de se dançar. Ainda recordava o gesto de contrariedade dele; murmurou alguma coisa que Jacqueline não conseguiu entender mas que a fez mudar de ideia e dançar diante do olhar zombeteiro dos outros. Depois de duas músicas, sentaram-se. Seria possível que aquele homem que estava ali tão tenso, esquivo, evasivo, fosse o mesmo primo que a atraíra tanto com sua espontaneidade? Era impossível não perceber o quanto ele se sentia incomodado no meio daquelas pessoas, a quem qualificava de esnobes presunçosos e enferrujados. Pela primeira vez, ocorreu a Jacqueline que aquelas festas podiam ser vistas também sob uma luz diferente daquela com que estava acostumada. Saíram cedo, antes da meia-noite. Contra a vontade do primo, ela insistiu em levá-lo até o hotel. Jacqueline procurava entabular uma conversa; ele, ao contrário, respondia com monossílabos reticentes. Chegando ao destino, ela desceu do carro e, como se assim tivessem combinado, entrou no hotel com Gaspar, da maneira mais natural que lhe foi possível.

Gaspar Rivero não se mostrou muito disposto a convidá-la a conhecer seu quarto; alegava que podiam ser vistos por alguém, que acabariam sabendo daquela visita, que nada de bom poderia sair de histórias assim. Ela começou a cantarolar uma das músicas de Elvira Ríos tocadas naquela noite: *"Querido, vuelvo outra vez a conversar contigo/ La noche tiene um silencio que me invita a hablarte..."*,* aparentemente decidida a não ouvir nenhum argumento que tentasse dissuadi-la. Sem alternativas, ele a deixou entrar. Jacqueline sentou-se na cama e começou a se despir com toda parcimônia. Viu sobre uma cômoda, emoldurada em prata, a fotografia de uma mulher com duas meninas. Suas filhas, ele explicou. Fizeram amor, e ela ficou com a sensação de que o ato carecera de alguma coisa, de quase tudo, não por alguma insuficiência de ordem física, mas sim psicológica; parecia-lhe que o primo a tinha possuído por mero compromisso, por controle remoto, por interposta pessoa, o que, em vez de abatê-la, fez com que sentisse desejo de retomar o combate até que ele conseguisse vencer as resistências impostas pelo medo. O cheiro picante do corpo dele excitou-a mais do que as carícias. Fumaram dois cigarros, ainda na cama. Jacqueline comparou o corpo do primo, magro, bem marcado e moreno, com o seu, branco e arredondado. Por um momento chegou a sentir vergonha e se cobriu com os lençóis; lembrou-se, depois, de uma vez em que tinha ouvido dizer que os magros têm uma predileção especial por carnes, ou seja, pelas gordas, e sorriu. Quando Gaspar foi ao banheiro tomar uma ducha, Jacqueline aproveitou a oportunidade para inspecionar um pouco o quarto e revistar-lhe os bolsos. Surpreendeu-se com o gordo maço de notas que ele trazia na carteira. Uma fortuna! A surpresa foi ainda maior quando descobriu uma foto, em

* Em tradução livre: "Volto a conversar contigo, querido/ a noite tem um silêncio convidativo...". (N. T.)

formato oval, de uma outra mulher, diferente da que estava com as meninas sobre a cômoda. Vestiu-se apressadamente. Sentia-se prestes a explodir de raiva. Assim que ele saiu do banheiro, disparou uma série de perguntas indignadas. Por que ele lhe dissera que estava a ponto de se divorciar sendo que mantinha uma foto da mulher bem à vista, para degustar tanto ao dormir como ao acordar? E a outra? Qual? Não se lembrava, por acaso, da sujeitinha cuja foto ficava guardada num dos seus próprios bolsos? Achava, por acaso, que ela não tinha percebido que ele levava aquela piranha, aquela verdadeira puta, justamente no bolso do lado do coração? Levantou-se, lançando mão da pouca dignidade que lhe restava, disposta a sair dali imediatamente.

— Nem tente me procurar mais. Preferiria comer carne de cobra a botar os pés de novo nesta espelunca — disse, guardando a fotografia oval na bolsa e aspirando o ar ruidosamente, como se o quarto fedesse de modo repugnante. Ele se penteava, aparentemente calmo, ao espelho, sem dar muita atenção a ela. Limitou-se a dizer que nunca tinha imaginado que ela pudesse descer àquele nível tão baixo a ponto de mexer nas roupas dele. Pediu que devolvesse a fotografia. Ela soltou uma enorme gargalhada e disse, em alto e bom som, que ele a tirasse dela à força se fosse macho, que nenhum escândalo a demoveria daquilo. Gritaria feito uma louca e, se fosse preciso, que o marido ficasse sabendo do que acontecera; diria a ele, então, que seu funcionariozinho padrão, que se fazia passar por um silencioso e honrado jovem da província, levava uma fortuna na carteira. Queria ver como ele explicaria o fenômeno. Gaspar deu o nó na gravata, vestiu o paletó, indicou a porta e acompanhou-a até o carro sem dizer uma única palavra. Ao chegar em casa, Jacqueline cravou quatro alfinetes na fotografia: dois nos olhos, um na boca e outro bem no meio da testa.

Cerca de um mês depois, teve a ideia de organizar outra daquelas festinhas que ela própria tanto detestava. O cheiro acre

do corpo do primo se tornara uma obsessão. Não era o fedor típico da falta de asseio corporal, mas um cheiro interno, resultado talvez de um determinado tipo de funcionamento endócrino. Uma nova reunião não teria a menor graça para ela, mas lhe pareceu imprescindível naquelas circunstâncias. Pediu ao marido que convidasse Gaspar, mas ele se esqueceu de fazê-lo, e a festa familiar foi um desastre. Sabia que algumas pessoas viam na amplitude de seus gostos um sinal de vulgaridade; convidava, então, os que faziam esse tipo de afirmação a observarem durante cinco minutos María Dorotea, María del Carmen e seus respectivos maridos para saber realmente o que era falta de educação. Naquela ocasião, começou a se entediar mortalmente. Depois, convencida de que o primo não apareceria, foi se zangando pouco a pouco. Ao final, começou a falar suas verdades para os presentes, que responderam com a mesma moeda. Ao se dirigirem a ela, chamavam-na de María Magdalena, o que já era suficiente para tirá-la do sério. Foram tão desagradáveis as palavras trocadas, que as reuniões familiares na casa dos Lobato acabaram para sempre.

Certo dia, Nicolás chegou para o almoço acompanhado de Gaspar Rivero. Durante o café, os primos começaram a trocar algumas palavras. Nesse momento, teve início uma verdadeira época de ouro em seu relacionamento: Jacqueline perdeu peso; renovou o vestuário, moderando-o; deixou de comparecer às festas na casa de Márgara Armengol. Visitou a amiga algumas poucas vezes para lhe fazer confidências de apaixonada, às quais a outra respondia lembrando que sua casa estava sempre aberta para os dois, que imediatamente, apesar da timidez que o caracterizava, tinha notado o bom nível daquele rapaz, pedindo-lhe, de passagem, colaboração para o coquetel que pensava em oferecer a um jovem escritor pela publicação de seu último livro, depois outro para um dramaturgo por seu casamento próximo e ainda outro a um pintor em homenagem a sua recente exposição, acres-

centando que, desde já, contava também com a presença dela nessas ocasiões. Quanto ao primo, nem precisaria dizer que já o considerava um convidado permanente.

Bem, para que esta história comece a ter algum sentido seria preciso retomar aquele momento marcado pela quebra de uma pata de caranguejo e pelo estouro de uma rolha de champanhe. O momento que definiu o destino de nossa querida Jacqueline! Ao longo daquela noite e nos dias seguintes, ela voltou a repassar o somatório de injúrias constituído por sua vida matrimonial. Estava decidida a agir, mas precisava ser muito cuidadosa no modo de tratar o assunto com o primo. Gaspar é sensível demais, dizia a si mesma. Não tinha a mesma força que ela. Não entenderia sua necessidade de vingança depois de tantos anos de ultrajes. Era um bom rapaz, um inocente. Começou então dizendo o quanto sofria ao pensar nele, nos dois, naquele amor sufocado que ambos viviam, com um presente muito frágil e sem nenhum futuro. Não via nenhuma solução. Caso ela se divorciasse, Nicolás a deixaria sem nenhum centavo e o primo perderia o emprego. Retornar à miséria? Nem morta! Era intolerável, dizia, sentir a mão do marido sobre ela, apoderando-se de seu corpo quando bem entendesse. Ninguém poderia imaginar o quanto ele se tornava brutal e abusivo nessas circunstâncias. Durante vários dias, não fez outra coisa senão repetir esse discurso, mencionando a imensa fortuna em que Lobato estava nadando, um homem indigno de desfrutar aquele bem-estar, um idiota empenhado em dilapidar seu capital com piranhas da pior categoria, e então voltava a insistir em que aquele dinheiro deveria ser dele, Gaspar, que era, aos vinte e seis anos de idade, na plenitude de seu talento, quem de fato o merecia. Se eu pudesse usufruir o capital de Nicolás, a vida se transformaria num paraíso, dizia ela, estendida numa das camas desarrumadas do hotel Asunción. Ou não? Será que ele ousava discordar dela? Imaginava cenas gloriosas, que culmina-

vam com um passeio de gôndola em Veneza. No começo, o sorriso com que Gaspar recebia esses comentários tinha algo de sorrateiro, como se o simples fato de ouvir uma brincadeira arriscada já pudesse comprometê-lo; depois, foi sucumbindo à repetitiva prédica de sua amante, pois Jacqueline não conseguia falar de outra coisa. Começaram, ele com o mesmo jeito cauteloso com que no início apenas a ouvia, como se se tratasse somente de um jogo, e ela já sem nenhuma trava, a decidir, um a um, os passos necessários, até que a fantasia se desfez por inteiro e os dois se viram conversando totalmente a sério. Jacqueline forneceu dados bastante valiosos. Havia um revólver na casa. Nicolás o guardava no fundo da gaveta do meio de sua escrivaninha. Quanto antes ela lhe mostrasse, melhor. A partir de certo momento, teriam de parar de se encontrar, para não levantar suspeitas. Poderiam se ver somente nas vezes em que Nicolás o convidasse para almoçar em casa. Gaspar disse que acompanharia Nicolás em viagem em alguns fins de semana; o outro tinha pedido que fizesse isso várias vezes, para envolvê-lo nas obras que empreendia em Cuernavaca. Eles se comportariam com total naturalidade, agiriam com a maior discrição. Viveriam separados até chegar a hora de a onça beber água! Jacqueline sentiu-se atravessada por um delicioso tremor ao ouvir essa expressão. A única condição que impunha era de que o disparo não fosse feito por ela. Em primeiro lugar, nunca tinha segurado um revólver; em segundo, era uma tarefa que não cabia a um cônjuge. Ela, por exemplo, não ousaria pedir a Gaspar que assassinasse a esposa dele. Havia coisas que se podia fazer e outras não, nem sonhando.

Antes da separação combinada, analisaram todos os detalhes do projeto de assassinato de Nicolás Lobato. Certo dia, Gaspar apareceu bastante agitado. Falou sem parar, o que em certos momentos tornava seu discurso ininteligível. Tinha acabado de se encontrar com um dos três advogados de maior prestígio na

capital, o qual lhe prometera efetuar o divórcio em algumas semanas. Começaria por uma investigação sobre sua mulher. Dispunha dos melhores detetives, de forma que, se Rosario estivesse saindo com alguém por aí, eles ficariam sabendo em dois segundos com quem e onde ela o fazia, o que a deixaria na mão deles. Se constatassem que não saía com ninguém, coisa de que ele duvidava, pois conhecia muito bem sua apetência sexual, dariam um jeito de fazer com que um galã profissional qualquer cruzasse o caminho dela. Havia vários deles, muito hábeis, uns sujeitos que nunca falhavam. Um belo dia a pegariam com a boca na botija e imediatamente acionariam as máquinas fotográficas, o flash, o que fosse necessário. Flagrariam o galã com a mão na massa, como se diz, e a partir daí ele estaria em condições de arrancar, ela gostando ou não, seu consentimento para o divórcio.

Precisariam de dinheiro. Desse dia em diante, Gaspar passou a pedir a Jacqueline quantias que ela achava desproporcionais mas que, apesar da repulsa provocada pelos métodos descritos pelo primo para submeter sua mulher e pelo linguajar por ele empregado para se referir a ela, entregava sem hesitação. Certa vez, teve de sacrificar a gargantilha de pérolas que Nicolás lhe dera de presente numa ocasião especial, em Roma, para que Gaspar a penhorasse.

Desde a primeira noite em que fora para a cama com Gaspar, acendera-se nela uma necessidade imperiosa de fazer amor com o marido. E, à medida que os planos para assassiná-lo avançavam, esse desejo aumentava de forma visível. Nicolás Lobato se surpreendia com o prazer experimentado nessas ocasiões, prazer que nenhuma outra mulher tinha conseguido lhe proporcionar. Os dois homens, complementando-se, criavam em Jacqueline uma nova figura erótica. A falta de apetite de Gaspar se enriquecia com as acometidas de Nicolás. O cheiro de sabonete e desodorante do marido, com o excitante fedor do primo.

Repetiam a si mesmos que precisavam ser muito rigorosos. Deviam definir uma série de detalhes, sem deixar nada em aberto. Gaspar era da opinião de que o assassinato de Nicolás tinha de ser realizado na estrada de Cuernavaca. No dia combinado, ela manifestaria a ele vontade de acompanhá-lo para ver como andavam as obras de Las Palmas e diria que depois seguiria para Tepoztlán, onde almoçaria com ex-colegas da universidade. Iria no carro com Nicolás, e eles o convenceriam a fazer a viagem sob o pretexto de lhe mostrar uma antiga casa em demolição cujas portas, vigas e ferragens logo seriam postas à venda, num sítio ao qual se chegava pela estrada velha — evitando assim passar por postos de controle onde alguém poderia identificá-los. Gaspar guiaria o carro de Jacqueline, em cujo porta-luvas estaria o revólver. Os Lobato parariam num local de pouco movimento na estrada, onde Gaspar os aguardaria para guiá-los por um caminho de terra. Quando descessem do carro, o amante se aproximaria de Nicolás pelas costas e atiraria à queima-roupa, para ter certeza de não falhar. Depois disso, ele e Jacqueline voltariam para a capital no carro dela. Cada um prepararia seu álibi. Não seria difícil. Ela telefonaria para Márgara e, logo depois de iniciada a conversa, se desculparia dizendo que alguém batia à porta e voltaria pedindo à amiga que por favor ligasse dali a cinco minutos. Dessa forma, poderia provar que estava em casa naquela tarde, na Cidade do México. Gaspar entraria várias vezes no restaurante do hotel para se fazer notar entre os funcionários e os clientes; depois, iria para o quarto e pediria uma cerveja e alguns aperitivos pelo telefone. Alguma coisa assim. Na cabeça de várias pessoas, ficaria clara a ideia de que os dois tinham passado a tarde na cidade. Não deixariam nenhum documento pessoal nas roupas de Nicolás ou dentro do automóvel. A polícia, dessa forma, tardaria em identificar o cadáver. Talvez levasse um dia até entrar em contato com ela para informar que o marido tinha sido assassinado. Ainda faltava afinar

vários detalhes; inventar, por exemplo, outros argumentos caso tivessem o azar de algum conhecido vê-los voltando juntos, coisa que, embora pouco provável, tinha de ser levada em conta. Desde já, ela devia conversar com a empregada e propor que trocasse o dia de folga do domingo para o sábado, a fim de que, na data acertada, não houvesse testemunhas do movimento na casa.

E assim foi amadurecendo o plano. Gaspar Rivero começou a estudar a estrada e todas as suas possibilidades. Deixaram de se ver a sós. Combinaram de se falar pelo telefone, mas somente se fosse preciso e, ainda assim, de modo cifrado. Em caso de emergência, marcariam um encontro num lugar já predefinido: a livraria Zaplana da avenida Juárez, onde, escondidos entre as estantes, poderiam conversar com segurança. Fixaram a data do crime. Jacqueline sentia-se segura, muito próxima de eliminar o obstáculo que se erguia entre ela e a felicidade.

Certa noite, pouco antes da data marcada, Nicolás chegou em casa acompanhado de Gaspar. Jantaram e, em seguida, quando os dois homens passaram para a sala a fim de jogar dominó e começaram a falar em voz baixa sobre algum mistério para ela inacessível, Jacqueline não conseguiu resistir à tentação de dar uma espiada na arma libertadora. Pegá-la. Acariciá-la. Qualificou esse impulso de mórbido, mas não conseguiu resistir a ele. Ao abrir a gaveta da escrivaninha no fundo da qual repousava o revólver, viu um envelope com fotografias e, meramente pela força da inércia, sem uma curiosidade maior — ela podia jurar que era assim —, abriu-o. Dentro havia várias fotos coloridas de três casais em trajes de banho. Reconheceu Nicolás com uma jovenzinha, sem dúvida uma de suas funcionárias, e também Gaspar, beijando uma mulher que posava com os seios à mostra. Não soube explicar por quê, mas naquele momento teve certeza de que se tratava da mesma fulaninha em cuja foto ela havia cravado os alfinetes. Sim, não havia a menor dúvida de que

era a mesma mulherzinha cujo rosto ela descobrira dentro da carteira de Gaspar na primeira noite em que ficaram juntos. Não se sabe como não enlouqueceu para sempre nesse instante. Seu primo, com aquela maldita cara de anjo, a enganara feito uma idiota durante meses. Tirara dinheiro dela aos montes. Com uma clarividência que a deixou assustada, vislumbrou seu futuro: depois do enterro de Nicolás Lobato, Gaspar fingiria amá-la ainda mais; no devido tempo, casaria com ela e depois, na primeira oportunidade, a despacharia para o outro mundo, da mesma maneira que se propunha a fazer com seu pobre marido, para herdar uma fortuna limpinha que logo despejaria aos pés daquela puta pelada que ele beijava nas fotografias. Com um movimento tenso, pegou o revólver. Um grito terrível, depois outro e mais outro saíram de sua garganta. Quis se dirigir à sala, mas, confusa, saiu por outra porta e de repente viu-se no jardim, às escuras. Deu o primeiro tiro para o alto. Gritava, uivava, sentia o rosto banhado de lágrimas, queria morrer, mas não sem antes se dar o luxo de matar o amante trapaceiro. Caíra nas garras dele feito uma idiota! Os dois homens correram para detê-la. Ela voltou a atirar duas, três, quatro vezes, sem saber em qual direção nem contra quem. Sentiu um golpe no rosto, algo pegajoso e salgado derretia dentro da boca, sentiu mais um golpe e, depois, que envolviam sua cabeça com um tecido pesado. Deu-se conta de que tiravam dela o revólver e que lhe torciam a mão com que o segurava. Um calor intenso atravessou-lhe o braço direito, do ombro até a ponta dos dedos. Depois, foi o caos. Lembrava-se apenas de uma picada, uma injeção aplicada no braço por um desconhecido. Bem mais tarde, acordou num quarto branco que no início não conseguiu identificar. Uma mulher sentada ao lado de sua cama pedia que ficasse tranquila: uma enfermeira. A única coisa que conseguia entender com clareza era que não queria mais viver. Nos dias seguintes, recusou todo e qualquer alimento. Mantinham-na à

base de soro. Quando entrava um médico ou a enfermeira, negava-se a pronunciar qualquer palavra. Apenas chorava. Viu a mãe em várias ocasiões, sentada à sua frente; ouviu-a defender o genro, dizer que Nicolás estava sofrendo, que estava muito abatido, que a única coisa que ele queria era vê-la recuperada. Mais tarde, também ele aparecera ali, ao seu lado; beijava sua mão, as faces, mas não conseguia entender o que ele lhe dizia. Em certos momentos o quarto ficava cheio de gente, a mãe, o marido, as duas irmãs, alguma enfermeira a repreendê-la com uma voz falsamente infantil, erguendo diante dela um dedo de admoestação, como se costuma fazer com as meninas menores quando cometem alguma travessura. Pouco a pouco, foi fazendo concessões ao mundo. Sua vontade de morrer diminuiu. Um dia, provou alguns alimentos; deixaram de lhe administrar o soro e ela começou a falar com os médicos, com as enfermeiras, até mesmo com Nicolás. Veio depois um outro dia em que o marido chegou com uma maleta de onde a enfermeira tirou o vestido que ela tinha estreado no dia do aniversário de casamento e ajudou-a a se vestir. Nicolás colocou sobre seus ombros um casaco de pele e, num dos dedos, um anel com uma bela esmeralda. Começou a chorar, apoiou a cabeça no peito do marido, e assim, abraçados, ela sendo tratada com uma ternura que nunca poderia imaginar vinda de um bárbaro como aquele, deixaram o quarto, chegaram até o carro e, mais uma vez, estavam os dois em casa. Ao ser colocada em sua cama, começou a chorar de novo, silenciosamente. Disse a si mesma que só aceitara o casaco e o anel para não fazer um escândalo inútil no hospital, mas que nunca mais voltaria a usá-los. Não tinha vontade nem energia para falar. Não tinha interesse em perguntar nada. De alguma maneira, era agradável sentir o calor e a força que emanavam do corpo do marido. Desde que entraram no quarto, Nicolás também tinha parado de falar. Estendeu-a na cama, acariciou-lhe as mãos e depois, com uma voz sufocada,

disse que ela tinha sido uma boba, uma bobinha, uma bobona, pois a única mulher que realmente contava em sua vida era ela; que não conseguia entender como ela tinha podido duvidar disso; que ela agora precisava ficar boazinha e dormir; que os dois esqueceriam essas bobagens do passado bem mais rápido do que imaginavam; que precisava dela; que a amava, amava, amava...

3.

Vivia triste. Uma crise atrás da outra. Às vezes, mal conseguia mover a cabeça de tão terrível que era a enxaqueca. As dores no pescoço e nas costas a deixavam dias seguidos imobilizada. Consultou vários médicos, inclusive alguns psiquiatras. Falava-lhes de tudo: os traumas da infância, as infidelidades de Nicolás, que mais de uma vez, dizia ela quase acreditando realmente nisso, tinham-na levado à beira do suicídio; sua vontade de saber: antídoto para todas as suas infelicidades. Uma espécie de papagaio, incapaz de interromper o fluxo interminável de lamentos. Em que silenciou ferrenhamente, aí sim, foi quanto ao seu caso com Gaspar Rivero e à trama criminal urdida por ela e pelo primo. Não sabia se os médicos realmente a ajudavam. Prescreviam-lhe comprimidos que deixavam a boca seca e a faziam agir como um robô, além da vontade de dormir o tempo todo. Quando se convencia de que o tratamento não estava avançando, trocava de médico. Acreditava que nunca conseguiria se recuperar da vergonha de ter sido enganada de forma tão baixa por aquele pilantra que lhe jurava amor eterno e ao mesmo tempo a entorpecia com o cheiro acre de seu

corpo. Nunca antes tinha imaginado a dimensão de sua própria ingenuidade, sua estupidez, sua incapacidade de perceber um único elo da cadeia de enganos de que fora vítima. Passada a crise, a espessa rede de mentiras surgiu para ela de forma tão clara, tão evidente, que só um cego não a enxergaria. Quando Nicolás Lobato ia ver como ela estava, geralmente a encontrava estendida na cama com ar desolado. Tinha sempre ao lado um livro aberto em cuja leitura parecia não conseguir se concentrar. Quando ele perguntava como se sentia, ela invariavelmente chorava, levantava da cama sem ânimo, caminhava lentamente, apoiava a cabeça no peito do marido, abraçava-o e continuava chorando mais desamparada ainda.

Certa tarde, Nicolás comentou que havia decidido sair de Coyoacán. Era preciso deixar para trás as raízes dos últimos acontecimentos. Estava prestes a fechar a compra de uma casa em Polanco, na rua Julio Verne, onde dariam início a uma nova vida. Uma casa bastante ampla, infelizmente ainda em más condições, porém com um jardim de ótimo tamanho. Um dos arquitetos que trabalhavam em Las Palmas começaria a reforma assim que tivesse algum tempo livre. A vida lhes reservava ainda momentos maravilhosos, ela logo veria. Evidentemente, o desejo dele era que a escritura da casa ficasse no nome dela, de modo que, dali a alguns dias, voltaria a incomodá-la, levando-a ao cartório para assinar a documentação necessária.

Jacqueline não voltou a perguntar nada sobre Gaspar Rivero, que aos poucos desapareceu de sua vida. Havia semanas em que mal se lembrava dele; e, quando o fazia, era com verdadeiro ódio. Certo dia, recebeu a visita nada grata de María Dorotea, que durante meia hora não fez outra coisa senão repetir banalidades, para depois, como se não conseguisse se segurar, deixar escapar que Gaspar estava morando em Cuernavaca, onde fazia a supervisão das obras de Las Palmas. Contou ter visitado o local na

semana anterior com Jesús, seu marido, a quem fora encomendado o serviço de serralheria. Com uma morosidade desesperadora, descreveu o estágio da obra. Disse que num pequeno canto já concluído havia uma maquete do conjunto. Uma coisa prodigiosa, exclamava ela, com os olhos bem abertos. Isso mesmo. Uma coisa que nunca se viu, um sonho, um campo lindo e afastado, embora não demais, da cidade, um buquê de maravilhas. Bem no centro erguia-se o grande hotel, cercado por um jardim com um traçado fantástico. No meio do bosque de palmeiras, as quadras de tênis, os estábulos, as piscinas. Numa das laterais do terreno, construía-se uma fileira de bangalôs; no lado oposto, um prédio de apartamentos com serviço de hotelaria. A maquete continha tudo, inclusive o campo de golfe e as demais instalações esportivas. Vendo tudo aquilo com seus próprios olhos, repetiu novamente, lambendo os lábios com extrema vulgaridade, ela se dera conta de que se tratava de um empreendimento portentoso, um sonho das mil e uma noites, um conto de fadas. E a todo instante repetia que Nicolás era um homem de negócios de alto nível, com grande experiência. Um cavalheiro. Um magnata! Nada desagradava mais Jacqueline do que ver a irmã gesticular com aquele excesso de teatralidade rasteira, que lhe era característico desde os bancos escolares. Por seu intermédio, ficou sabendo várias coisas que antes ignorava. Por exemplo, que Nicolás tinha vendido o hotel Asunción, sendo levado a tanto pelos altos gastos exigidos pela construção. Las Palmas acabaria por engolir até a camisa de Nicolás se ele não tomasse cuidado, prosseguia a sabichona. Nos próximos anos, mesmo depois que o hotel entrasse em funcionamento, a obra teria acabado por engolir não só o outro hotel, mas também, talvez, a própria agência de viagens. Num determinado momento, porém, os problemas terminariam. Nicolás conseguiria um empréstimo em sistema de hipoteca e, caso achasse necessário, poderia também vender participações nos

bangalôs e nos apartamentos com serviço de hotelaria. Nicolás Lobato mostraria ao mundo aquilo de que era capaz.

De que se recordasse, nunca tivera simpatia pelas irmãs, e María Dorotea, de longe a pior delas, tornara-se insuportável com o passar dos anos. Incomodavam-na, entre outros motivos, por nunca terem respeitado sua vontade. Nunca tinha conseguido fazer com que a chamassem de Jacqueline. Continuavam ligadas ao seu nome anterior, María Magdalena, pronunciando-o num tom de ironia que sempre a tirava do sério. Desde pequenas, as duas juntas haviam adotado em relação a ela, a caçula, uma atitude de rivalidade que acabou por intensificar-se a ponto de azedar qualquer traço de uma possível relação amistosa. Lidar com elas, conviver com seus maridos no período em que Gaspar se aproveitava dela, foi algo que em várias ocasiões pareceu-lhe acima de suas forças. Tinha feito isso a fim de criar um clima de naturalidade para a presença do primo em sua casa, mas agora precisava sinalizar para eles, de alguma maneira, que aquele período fazia parte de um passado que não mais se repetiria. Jacqueline recebeu a informação de que Gaspar continuava trabalhando com seu marido com um sangue-frio que ela mesma qualificou de admirável e que deixou a irmã totalmente desconcertada; não moveu um único músculo da face quando aquele nome abominável foi pronunciado. María Dorotea não conseguiu captar nem uma brisa sequer do verdadeiro turbilhão de raiva que tomou conta da irmã quando esta a ouviu falar daquele filho-da-puta que quase destruiu seu casamento. E ela se deu o luxo de não fazer o menor comentário sobre a grande obra que aquela mulher insuportável, transformada em ridículo porta-voz de Las Palmas, descrevia com uma voz que oscilava sem intervalos entre o meloso e o estridente. Ao sentir a indiferença de Jacqueline em relação ao assunto, María Dorotea saltou direto para o único tema que realmente lhe interessava ali.

— Sem dúvida... foi uma sorte enorme de Nicolás que esse primo nosso se instalou lá — a sintaxe nunca fora seu forte. — Gaspar será leal. Vai esquecer os problemas do passado. Um rapaz fino, saudável, fiel. Aconselhei-o várias vezes: "Passe uma esponja no passado, rapaz, e aja como se tivesse acabado de conhecer o marido dela". Você logo vai ver, María Magdalena, ele vai acabar esquecendo os maus momentos pelos quais você o fez passar, os esforços inúteis que fez para encurralá-lo. E pagará com lealdade tudo aquilo que deve a Nicolás. Não quero me meter nos problemas dos outros. Cada um é que manda no seu destino. Nicolás é um homem ingênuo, bondoso. Gosta de você. Mas toda cegueira tem limite...

— A maldade vem da ignorância — disse ela, imitando o tom de voz de María Dorotea. — É fruto do mau gosto, da cafonice. Você não faz ideia de como eu gostaria de compartilhar com você as conversas de que participo nos sábados à noite na casa de Márgara Armengol. Como gostaria que nós começássemos a conversar... não pudemos fazê-lo quando éramos mais jovens... a maldita miséria nos tirou essa oportunidade... sobre *Os irmãos Karamazov*, *A metamorfose* ou *Les Demoiselles d'Avignon*, do grande Picasso! Gostaria de poder proporcionar a você e a María del Carmen essas oportunidades que a vida lhes negou. Mas, o que estou fazendo? Eu aqui, falando como uma vendedora ambulante qualquer, sendo que esta tarde tenho uma consulta com meu médico, um homem admirável, eu lhe garanto; ele insiste em que eu escreva. Segundo ele, devia começar com um conto. Pode acreditar, não me falta vontade de descrever a frustração dos medíocres, seu rancor em relação a tudo que lhes é superior, em relação àquilo que nunca conseguirão atingir. Teria de situar meu conto numa cidade imaginária, numa época diferente da nossa, para não correr o risco de alguém vestir a carapuça, não acha? Mas continuo falando! Bom, eu vou embora, vou embora!

Levantou-se e, sem nem mesmo estender a mão à irmã, deu-lhe "boa-tarde", pegou uma revista que estava sobre uma mesa e dirigiu-se ao quarto.

Conhecia María Dorotea muito bem; imaginou a chuva grossa de sujeitinhos anônimos que logo despencaria sobre sua casa. Precisava agir imediatamente, adotar as precauções necessárias. Desde a conversa com a irmã, desaparecera a abulia que a afligira nos meses anteriores. Nesse dia, Nicolás não veio para o almoço nem para o jantar; esperou-o até tarde da noite e acabou adormecendo sem vê-lo. Desde a grande crise, dormiam em quartos separados, de forma que não acompanhava muito de perto os movimentos dele. No dia seguinte, tomou café da manhã sozinha; vestiu-se com mais cuidado do que de hábito e, sem nenhum aviso prévio, aportou na agência de viagens.

Nicolás levou um susto ao vê-la entrar em sua sala. Antes que pudesse abrir a boca, Jacqueline tomou a palavra. Falou com uma voz neutra, vigorosa e distante, como a apresentadora de um noticiário de televisão:

— Surpreso com minha visita? María Dorotea, minha irmã, esteve em casa ontem. Sabe do que aquela hiena foi capaz? Contou-me, sem omitir os detalhes, das suas novas infidelidades — para a sua própria surpresa, ao enunciar essa mentira, sentiu uma onda quente invadir seu rosto, a voz ficou trêmula, os olhos, marejados, se turvaram. — Fui e sou uma mulher que tem respeito por si mesma — sentiu que perdia o rumo. — Corrija-me se eu estiver mentindo. Tive com você uma vida abominável... Sou uma mulher doente... O que mais me importa é me recuperar espiritualmente... Não lhe dei a felicidade que você queria... então você foi buscá-la por conta própria... — lágrimas agora banhavam suas faces. Sentiu que precisava chegar logo ao ponto, antes que Nicolás conseguisse se recompor. Em meio ao choro, ergueu a voz, logrando um efeito

espantoso e patético: — Fui insultada! Caluniada! María Dorotea, com a baixeza que a caracteriza, disse que esse cúmplice miserável que você mantém em Cuernavaca, infelizmente parente meu, afirma que eu o perseguia, e você já deve imaginar para quê... — o choramingo da voz foi substituído para uma rajada de raiva. — Minha vida é transparente, e você não tolera isso. Preferiria que eu fosse uma putinha suja, com os mesmos vícios e luxúria que você, o que lhe daria uma justificativa para me tratar como me trata. Vim aqui lhe dizer que estou indo embora da sua casa. Parto do mesmo jeito que cheguei. Poderia ter feito as malas e saído para que você, chegando em casa, não desse com nenhum sinal meu. Preferi falar na cara. Logo você ficará sabendo meu endereço. Se quiser o divórcio, pode contar com ele. Se quiser que eu volte, também o farei. Mas, para que isso aconteça, e imagino que não seja nada fácil, você teria de se livrar desse seu cúmplice, afastá-lo definitivamente de nós. Imagino que ele o tenha nas mãos, deve saber alguma coisa que você não se atreveu a confidenciar nem mesmo a mim; não consigo explicar de outra maneira a relação que vocês mantêm — pegou as luvas, a bolsa preta e operou uma retirada de grande efeito, como as que vira as grandes atrizes de cinema fazerem nos momentos culminantes de algum filme.

Nicolás Lobato levantou-se calmamente, avançou até a porta, abriu-a, saiu com Jacqueline e a levou em seu automóvel a um restaurante, insistindo em que seria mais agradável conversar ali do que em sua sala. Do diálogo que se seguiu, pôde-se depreender que demitiria Gaspar no sábado seguinte e que dali a dois meses eles viajariam à Europa, onde só tinham estado uma vez, logo depois de casados, doze ou treze anos atrás.

E tudo aconteceu assim. Gaspar deixou Las Palmas e eles passaram cinco semanas na Europa. Jacqueline nunca mais voltaria a ver o primo ou sequer teria notícias dele. Às vezes, passados

muitos anos, sentia a presença do cheiro acre de seu corpo e ficava perturbada por algum tempo.

Pouco depois de voltar da Europa, Jacqueline recebeu uma visita de Márgara Armengol. Fazia quase um ano que não se viam. Nos últimos meses de seu relacionamento com Gaspar Rivero, tinha deixado de frequentar sua casa. Jacqueline se sentira ofendida porque, desde que adoecera, tinha ligado para a amiga mas esta nunca a visitava nem respondia a seus telefonemas. Ao vê-la, esqueceu-se de seu ressentimento e começou a lhe contar algumas de suas impressões da Europa. O ideal teria sido as duas fazerem aquela viagem juntas, comentou. A energia de uma somada à cultura da outra resultariam numa experiência perfeita. Márgara parecia bem mais séria, quase solene, com uma evidente redução de seu senso de humor. Comentou que os amigos continuavam a se reunir em sua casa, porém mais espaçadamente. Os tempos eram outros, o tom das reuniões tinha se modificado; era mais elevado, ela poderia dizer. A época da descontração ficara no passado. Cada idade, acrescentou com severidade, tinha necessidades e exigências diferentes. Tinha decidido transformar sua casa de Coyoacán numa Academia.

— As pessoas, de maneira geral, possuem um talento que não puderam desenvolver — explicou-lhe — e estão ávidas por saber e ao mesmo tempo por serem ouvidas. Mas não sabem como fazê-lo. Em nossa pequena Academia, nosso grupo de amigos se compromete a proporcionar os elementos necessários às pessoas que têm certa inquietações e, dessa forma, capacitá-las para darem um salto que antes lhes parecia impossível. Pense no seu caso, Jacqueline. Para alguém como você, que largou os estudos pela metade mas tem inquietações intelectuais fervilhantes, nossos cursos não só possibilitariam a ampliação de conhecimentos como também revelariam algumas qualidades criativas ainda latentes — contou-lhe que haveria uma oficina literária, em que

os alunos aprenderiam o indispensável para escrever contos e romances, um curso sobre os grandes narradores que se chamaria "hermenêutica do romance", em que seriam abordados tanto os romancistas clássicos como os contemporâneos, e um outro de história das artes visuais. As aulas ocorreriam na parte da manhã. Ela daria o curso de hermenêutica; Julián Barreda dirigiria a oficina de criação literária; e um jovem de origem italiana, Gianni Ferraris, homem inteligente, uma verdadeira revelação, autêntica maravilha, instruiria o auditório a respeito dos momentos áureos da história da arte, de Altamira até hoje. — Ferraris não vai falar só de pintura e escultura, como os professores dessa especialidade costumam fazer — acrescentou Márgara. — Abordará também outros meios visuais, como a fotografia e o cinema, por exemplo. Enfim, vamos introduzir qualquer inovação que nos venha a ocorrer. A professora Villalobos, Marina Villalobos, uma apóstola do passado mexicano, organizará excursões para lugares de interesse histórico ou artístico. Queremos implementar uma programação flexível, sem a rigidez e sem os pedantismos que só afugentam os alunos. Enfim, logo você mesma vai poder julgar e me dar sua opinião, pois tenho certeza de que não deixará de se matricular no meu pequeno templo do saber.

Jacqueline inscreveu-se imediatamente na oficina literária e no curso de hermenêutica do romance. Os resultados logo se fizeram sentir: começou a escrever relatos sobre sua infância infeliz, enriqueceu a biblioteca com um bom número de romances e alguns ensaios sobre literatura contemporânea. Todas as terças e quintas-feiras, assistia a algo semelhante a um difuso alento místico na casa de Márgara. Foi um período feliz e prazeroso, infelizmente muito breve. Lia, refletia, escrevia, discutia. Conseguiu chegar a expressar-se com relativa soltura, tanto oralmente quanto por escrito. Em alguns momentos, tentou compartilhar suas experiências com o marido, mas Nicolás respondia com a mesma indife-

rença que exibiria se ela tivesse participado de um encontro de senhoras para fazer crochê ou tricô e o procurasse para contar as técnicas aprendidas no dia. Sob vários pontos de vista, os cursos foram um sucesso. A vida social na casa de Márgara Armengol modificou-se de forma visível. As conversas se tornaram acadêmicas. Nunca lera tanto em toda a sua vida! Gianni Ferraris, o professor de origem italiana, pareceu-lhe intragável nas primeiras conversas informais, mas depois de alguma hesitação acabou inscrevendo-se no seu curso, e desde a primeira aula seus ensinamentos lhe pareceram maravilhosos. Logo depois, inscreveu-se também no curso de arte mexicana de Marina Villalobos, dobrando assim o número de dias por semana em que frequentava a Academia. A matrícula no curso de Marina permitia a participação nas excursões a sítios pré-hispânicos e coloniais, que ocorriam sempre no primeiro sábado de cada mês. Ao final de um trimestre, reservava-se um fim de semana prolongado para a realização de viagens mais ambiciosas. No começo de maio, por exemplo, haveria uma excursão para Yucatán.

Sugeriu ao marido que fizessem essa viagem juntos. Propôs isso sem maior entusiasmo; era um convite meramente formal, pois tinha certeza de que nenhum motivo seria suficiente para fazer Nicolás deixar de ir a Cuernavaca conferir o andamento das obras. E, mesmo que ele se animasse a acompanhá-la, seus comentários estúpidos certamente acabariam por arruinar todo o prazer da excursão. Lembrava-se com enfado da sensibilidade de elefante de que ele dera mostras constantes durante a viagem à Europa. Nos últimos dias da estada em Roma, simulou uma enxaqueca prolongada para poder sair com ele o menos possível. Seus comentários chegavam a deixá-la doente. Por sorte, Nicolás declinou do convite; sugeriu que ela fosse com Alicia Villalba, mas ela respondeu que nem morta, pois não queria se transformar em objeto de fofoca do grupo e que, nesse caso, preferia ir sozinha. Mas isso também não foi possível, pois, à véspera da partida para

Mérida, sua mãe morreu, e ela não pôde, nem quis, deixar de assumir suas obrigações de filha. Somente no terceiro ano de frequência nos cursos, em abril de 1964, é que finalmente conseguiu voar para Yucatán. O grupo de Marina Villalobos era formado por cerca de vinte viajantes, dentre eles Gianni Ferraris, o qual, como ela, não conhecia a península. Voaram a Mérida sentados lado a lado e nos primeiros dias em Yucatán não se separaram a não ser em breves momentos. Era muito agradável conversar com ele, ouvi-lo contar a história de sua família, conhecer seus planos, sendo o mais importante deles o de mudar para a Itália em dois anos e ficar ali por tempo indeterminado. Mais interessante ainda foi passear com ele por Mérida e viajar a Uxmal e Chichén-Itzá, ouvir suas observações sobre a arte dos maias e as comparações com outras culturas. Dentre os cadernos esquecidos em Cuernavaca havia um que reunia os comentários de Ferraris sobre os mais variados temas culturais, sociais e até mesmo pessoais. Durante a viagem, Jacqueline ficou louca de entusiasmo pelas ruínas maias, mas também louca de amor, pois no bar do hotel, certa tarde, enquanto tomava um café, escrevia alguns cartões-postais e aguardava o professor italiano, com quem combinara de fazer um passeio por Mérida e jantar mais tarde num restaurante de comida típica, conheceu por mera casualidade David Carranza, um jovem moreno, atraente e elegante, que sob vários aspectos representava a antítese de Ferraris e que se sentou ao seu lado e logo puxou conversa, impressionando-a de tal forma que minutos depois ela já saía com ele para irem dançar. E mais: convidou-o a passarem a noite na mesma cama.

Mal conseguiu dormir. De madrugada, quando os primeiros raios de luz penetravam no quarto, estudou prazerosamente o rosto do rapaz, maravilhada ao comprovar a sensualidade de sua boca perfeita; depois, passou a mão suavemente pelo seu peito peludo, as virilhas, as coxas, o pênis, e começou a esfregar

seu corpo no dele, de modo que logo em seguida voltava a ser acariciada, vencida e penetrada, convicta de que a insuficiente relação sexual com o primo tinha sido apenas um preâmbulo para a plenitude daquele instante. Quando o grupo se preparava para voltar à Cidade do México, David Carranza convidou-a a passar uma semana em Cozumel. Jacqueline telefonou para o marido, inventou uma história confusa e mal-ajambrada sobre a possibilidade de prolongar a viagem com algumas amigas do curso até Cozumel e talvez Isla Mujeres, e partiu para o aeroporto com seu novo amante.

De dia tomavam sol e nadavam. De noite, dançavam, faziam amor até o amanhecer e depois caíam no sono, exaustos. Ela lhe contou, com toda a seriedade, sobre os cursos que fazia e a razão da visita a Mérida. Não queria que ele a considerasse uma aventureira qualquer. David ouviu-a com paciência, um sorriso cortês, e, ao final, disse que a cultura lhe parecia uma opção muito respeitável, reconhecia isso, mas que seu verdadeiro interesse se fixava em outra área do conhecimento: a política. Tinha um cargo na Secretaria do Trabalho, um emprego de fachada que lhe haviam oferecido. Conforme explicara seu padrinho político, que o indicou para o posto, ele não precisava aparecer no prédio a não ser nos dias de pagamento, mas essa atitude não lhe parecia correta, pois, tanto a curto como a longo prazo, constituía uma ameaça ao seu futuro político. Comparecia à secretaria diariamente, se esforçava para manter contato com seus superiores, e tinha as melhores relações com os colegas, especialmente com Manuel de Gracia, seu conterrâneo, com quem compartilhava a proteção do mesmo padrinho e de quem tinha uma desconfiança absoluta. Participava, sempre que podia, dos cafés da manhã dos funcionários. Essa era sua vida. Mesmo ali, em Cozumel, comprava todos os jornais vindos da capital, lia com atenção as colunas políticas, comentava-as com ela, ou melhor, explicava-lhe tudo do começo ao fim enquan-

to se estiravam nas espreguiçadeiras à beira da piscina. Seu maior prazer era falar sobre a vida política e administrativa do país. Podia não ter aprendido nada sobre direito, mas a experiência acumulada na carreira era suficiente para poder se relacionar como era preciso. Assim que chegou de sua cidade, Campeche, começou a fazer política estudantil. Adotava como princípio a ideia de que um político qualificado não pode deixar de dar total atenção à aparência. Era uma carreira que não tinha nada de fácil. Precisa fazer uma hora de corrida logo ao acordar, frequentar uma academia de ginástica três vezes por semana, escolher com o maior cuidado as roupas apropriadas e manter-se atento às ambições ilimitadas de alguns rivais, como Manuel de Gracia, por exemplo, cuja avidez pela ascensão na carreira era tão grande que só podia ser comparada à sua falta de princípios éticos. Ao ouvi-lo, Jacqueline adotava uma expressão que a fazia parecer um verdadeiro gigante. Nos momentos de pausa que ele lhe permitia, ela contava partes selecionadas de sua vida, falava sobre suas frustrações e sofrimentos, sobre o marido tosco que sempre procurava desvalorizar os outros com alguma frase depreciativa mas que, na verdade, não se interessava por nada. Ele conseguia imaginar, perguntou ela com astúcia, uma pessoa que detesta qualquer coisa que tenha a ver com a vida pública, a ponto de sempre repetir que todos os políticos do mundo, e especialmente os mexicanos, são uns malandros perfeitos, quando não uns canalhas de marca maior e que todos eles juntos não dariam um homem por inteiro?

Repetia-lhe a todo instante que ele era diferente de todos os homens que ela já tinha conhecido. Mentia ao afirmar que estava cometendo sua primeira infidelidade conjugal, e gostava de ver como David empregava, no linguajar e nas atitudes, o mesmo atrevimento de Nicolás Lobato ao fazer amor com ela. De repente, desapareciam o tom aveludado no modo de falar, os gestos elegantes, a linguagem refinada com que lhe contava paciente-

mente os passos que vinha dando para penetrar na cena política; e então, surgia o animal. E que animal!

Desde o começo ela percebeu a vaidade sem limites do pequeno galã. Qualquer mulher com um mínimo de inteligência, pensava, podia tê-lo nas mãos. Bastava simular diante dele uma admiração e um interesse permanentes. Admiração ela tinha; interesse pelo que ele dizia, nenhum. Depois de duas ou três tentativas de entabular alguma conversa, admitiu resignada que não poderia exigir dele a mesma proximidade que ela tinha com relação à cultura. Percebeu também que, quando travavam alguma conversa com outros casais no bar ou no restaurante, ele gostava de vê-la e ouvi-la falando da arqueologia maia, de livros e de música, como se fosse um universo compartilhado intimamente pelos dois, o que a enchia de satisfação e a fazia perdoar suas deficiências nesses campos.

Quando retornaram à Cidade do México, o relacionamento continuou. David contou que, pouco depois de voltarem de Cozumel, foi-lhe oferecido um posto na Embaixada do México em Roma. Não quis aceitar, para não se afastar dos seus reais interesses. Não queria ir para o exílio. Começou a trabalhar na área de relações públicas de um senador que aspirava ao governo de seu estado. Com o auxílio de uma equipe de colaboradores procedentes das mais diversas disciplinas, tinha de elaborar um plano de ação. Era um trabalho difícil, dizia ele energicamente, pois não se tratava de formular um modelo qualquer, mas sim um verdadeiro paradigma de governo. Alguém, logicamente o padrinho, impusera no grupo a presença do inefável Manuel de Gracia, que não perdia nenhuma oportunidade para capitalizar os feitos para si e ao mesmo tempo encobrir o trabalho dos outros. Ela não entendeu bem o que essas palavras queriam dizer. O que veio depois, porém, ficou mais claro: o tal senador prometera conseguir para ele, assim que a candidatura fosse lançada, um posto como secre-

tário particular do oficial maior da Secretaria da Marinha. Sucederam-se, porém, alguns reveses inexplicáveis. Ele não só não obteve a desejada posição como também, por motivos obscuros, em que a única coisa evidente era a intervenção ardilosa de Manuel de Gracia, perdeu a proteção do senador, assim como a do padrinho político, e, consequentemente, o cargo na Secretaria do Trabalho, onde de fato só aparecia, como chegou a lhe confessar num momento de distração, nos dias de pagamento.

Numa tarde chuvosa, no despojado e impessoal apartamento de David Carranza, no bairro Condesa, depois de transarem demorada e prazerosamente, Jacqueline, num estado de visível exaltação, asseverou-lhe que aqueles reveses derivavam do fato de ele ser nobre demais, de que sua superioridade estampava-se em toda a sua pessoa, o que certamente despertava a inveja e o rancor daquela fauna imunda de medíocres, frustrados, carreiristas e ressentidos que o cercava, o que Carranza admitiu sem muita convicção. O que ele precisava, acrescentou ela, era de um capital que pudesse lhe dar respaldo para se lançar com tudo em busca da realização de seus sonhos, e não desperdiçar a si mesmo sendo secretário de alguém. Precisava contar, por exemplo, com um jornal que ajudasse a potencializar sua personalidade. Não era justo que alguns poucos miseráveis que vilipendiavam aqueles que se esforçavam para dar prestígio à política ficassem com tudo. Não, isso não era justo. Por mais argumentos que ele apresentasse, ela nunca se convenceria disso. Desde o momento em que o conhecera — ela falava como se rezasse uma prece —, não passara um minuto sequer sem pensar que, caso seu marido falecesse, ela, como herdeira universal, poderia dispor da fortuna necessária para ajudá-lo a crescer, para mostrar aos outros as realizações de que David Carranza era capaz. Repetiu a mesma ladainha de sedução empregada com o primo Gaspar. Para sua surpresa e alegria, não encontrou nenhuma resistência. O falso político, pas-

sado um instante ligeiríssimo de susto, acolheu com a maior naturalidade a missão de mandar Nicolás Lobato para o outro mundo.

— E pensar que eu nem mesmo conheço seu marido! — exclamou. — Mas isso não importa. Precisamos planejar a ação com a maior cautela. Creio que contratar um matador seria a solução menos recomendável; não me parece possível haver, neste caso, uma confluência de interesses viável; qualquer capanga com quem fizéssemos contato acabaria nos extorquindo, chantageando, e nos deixaria na miséria, se não no cemitério. Não é uma ação fácil. Teremos de contar apenas com nossos próprios recursos, atropelá-lo, asfixiá-lo, sei lá... Acho que seria conveniente fazer com que alguém, Manuel de Gracia, por exemplo, aparecesse como mentor intelectual do crime. Quanto antes agirmos, melhor!

— Vamos precisar de um revólver — disse Jacqueline, como se estivesse dando instruções a uma criança. Naquele período, frequentemente o tom e a modulação de sua voz adquiriam características típicas de uma atriz numa peça didática. — O fato de você não conhecer meu marido joga a seu favor. Por outro lado, ninguém sabe que eu venho aqui. Ninguém irá ligá-lo a mim ou a Nicolás. Darei um jeito de você entrar em casa, e simularemos um assalto. Sabe atirar? Deixarei meu carro do lado de fora e as chaves com você para que possa fugir sem dificuldades; depois você abandona o carro onde achar melhor. Nenhum empregado estará lá nesse dia. Eu guiarei você, David. Pode confiar em mim. Você tem um grande futuro pela frente. Quero estar com você nos grandes acontecimentos que o destino lhe reserva.

— E de que forma poderíamos envolver o filho da puta do De Gracia?

A resposta era sempre a mesma:

— É melhor esquecer esse seu rival. Qualquer complicação adicional pode fazer com que nos desviemos do caminho.

Assim como em sua aventura sentimental anterior, Jacque-

line passava as noites numa espécie de delírio erótico. Fazia amor em casa com uma fúria e um desespero tão violentos que Nicolás Lobato ficava atônito, convencido de que nunca deixaria de querê-la, convencido de que, fosse como fosse, ela seria sempre a mulher da sua vida, a verdadeira, a única, comprovando que, a cada ano que passava, ele se ligava a ela com mais ardor, que a cada dia confirmava-se sua indubitável superioridade em relação a qualquer outra mulher.

Durante as manhãs, ela continuava a frequentar a academia.

Depois de almoçar, Jacqueline passava uma parte das tardes no apartamento do amante. Tinham decidido ler romances policiais para afinar os detalhes da ação. Mas com ele aquilo não funcionava. Lia algumas páginas sem se concentrar; depois pegava o jornal, deitava-se ao lado dela e começava a lhe explicar os editoriais de política, que quase sempre significavam algo diferente do que ela supunha. Enquanto ele lia e comentava algum texto, ela ia desabotoando sua braguilha, a camisa, abria-lhe o cinto, de tal forma que ao final da leitura, às vezes no meio dela, ambos se entregavam ao amor como um casal de jaguatiricas no cio. Jacqueline procurava, então, incutir-lhe uma parte de seu ódio em relação a Nicolás Lobato e fazer com que, além do ato sexual, ele só pensasse no crime. Ao mesmo tempo, divertia-se com a ideia de se tornar esposa de um futuro governador, pensando nas roupas que teria de ter, nas joias que poderia comprar, e também, pois precisaria de mais coisas, nas obras sociais e nas atividades culturais que promoveria. Perigosamente, começava ela própria a acreditar nos argumentos que dava a David para reforçar-lhe os ânimos. Como assessores de governo, nomearia Márgara e o professor Ferraris, o qual certamente suavizaria a aspereza com que a vinha tratando desde o dia em que ela lhe dera aquela mancada em Mérida.

Finalmente mudaram para a casa de Polanco. Já tinha quase

perdido as esperanças de fazê-lo, de tantas vezes que a obra da reforma tinha sido suspensa. Nicolás quis cuidar de tudo: os novos móveis, a decoração, o transporte. Ela só teve de arrumar as malas e mudar-se. Ali, encontrou algo a que sempre tinha aspirado: um belo escritório só para si. Pareceu-lhe uma premonição. Em breve, quando se tornasse esposa de um político de destaque, aquele escritório seria indispensável. Ficou feliz, também, que o dormitório voltasse a ser comum. Estava cansada de quartos separados. A mudança lhe permitiu saber onde Nicolás guardava o revólver e apoderar-se dele. Logo depois de se acomodarem na nova casa, escondeu-o atrás de alguns livros, numa das estantes de seu escritório. Se Nicolás tentasse se defender, não encontraria a arma necessária para fazê-lo.

Na noite escolhida, ela daria um jeito de misturar três comprimidos de valium em alta dosagem no jantar de Nicolás. Planejava declarar, após os resultados da autópsia, que o marido costumava ingerir sedativos antes de ir para a cama e que tinha tido a sensação de que ele vinha abusando deles nos últimos tempos. Dias antes da mudança, Jacqueline disse a Helena, a cozinheira, que ela podia tirar férias assim que se instalassem na nova residência. Seria bom que a outra moça, que cuidava das roupas, estivesse em casa no dia, pensou, para servir como testemunha do assalto, sobre o qual só ficaria sabendo depois de tudo já ter acontecido.

Finalmente chegou o tão esperado momento da libertação. Jacqueline mantivera o abajur aceso, lendo *As relações perigosas*, de Choderlos de Laclos, livro que estudava naqueles dias para o curso de romance. Observou Nicolás adormecer com a facilidade de sempre, mas agora talvez com mais profundidade por causa do sonífero ingerido. Levantou-se e abriu a porta da rua e a da casa para que David pudesse entrar sem dificuldade. Devia lhe fazer um sinal quando chegasse a hora de subir e matar o marido. Voltou para o quarto e, contrariando tudo que tinha sido combinado,

apesar da excitação própria do momento e do interesse com que lia o romance, adormeceu. Acordou de repente. Viu Nicolás procurando alguma coisa numa gaveta da cômoda. O revólver, pensou, contraindo o rosto numa expressão sarcástica. Ele se aproximou da cama e pediu-lhe baixinho que não se mexesse, que ficasse quieta, que aparentemente alguém tinha entrado na casa, mas ele se anteciparia e o pegaria de surpresa. Ela fechou os olhos: a intensidade de tudo aquilo a assustava, não queria saber de nada, nem ouvir ou ver nada. "Deixemos que os mortos enterrem seus mortos!", murmurou, sem saber muito bem se essa seria a frase mais apropriada para citar naquela situação. Tinha certeza de que David saberia se sair bem mesmo com a mudança de planos ocorrida, de que dali a poucos minutos ela seria viúva e que, apesar da complexidade das circunstâncias, continuava a ser uma boa mulher, tendo sido forçada a agir daquela maneira apenas por amor e em defesa de sua dignidade pessoal. Estava prestes a repetir para si mesma a lista de ofensas de que fora vítima quando, de repente, abriu os olhos e viu que Nicolás tinha pego, não se sabe de onde, um outro revólver, com um cano mais comprido do que o da arma que ela surrupiara, e que saía do quarto com ele.

Certamente Nicolás pegaria David Carranza desprevenido e atiraria ou, o que seria ainda pior, o entregaria à polícia. Seu amante passaria longos anos na prisão. Talvez ela mesma acabasse envolvida no processo. Levantou-se da cama apavorada. Precisava dar um jeito de prevenir o pobre rapaz, que estava na sala apenas aguardando um sinal para subir e acabar com aquele bárbaro. Avançou no escuro até a escadaria com um pesado vaso nas mãos e começou a gritar loucamente. A voz baixa de Nicolás, pedindo-lhe silêncio, orientou-a para que chegasse até ele, e, assim, ela pôde dar com o vaso na cabeça do marido, mantendo porém os gritos:

— Socorro! Pega ladrão! Socorro! Pega ladrão!

Nesse instante, ouviu-se um tiro; depois outros. Não conseguia saber de que revólver eles provinham. Formou-se uma confusão absoluta. Morrendo de medo, jogou-se ao chão e agarrou-se a uma das pernas do marido; percebeu, então, que não conseguia gritar, que uma dor aguda, em alguma parte do corpo que não saberia precisar, a incomodava, e que estava prestes a vomitar.

Quando abriu os olhos, viu-se mais uma vez num leito do mesmo hospital de sempre. Era dia. Sua mão estava coberta por uma bandagem. Uma enfermeira lhe disse que ela não precisava se preocupar, tinha perdido dois dedos mas em algumas semanas lhe implantariam outros novos, mais bonitos ainda, a mão ficaria linda, ela ia ver, melhor do que antes. Procurando acalmá-la, Nicolás acrescentou que tinha certeza de que o ladrão seria preso rapidamente e que o carro seria recuperado. Naquela mesma manhã, alguém comentara com ele na Procuradoria que havia uma carta denunciando o culpado, um tal de De Gracia, se não lhe falhava a memória. Estava sendo seguido, pois queriam saber com quem se relacionava, e de uma hora para outra o poriam no xadrez. Jacqueline viu que o marido também fora ferido. Trazia uma bandagem na cabeça.

— Nunca imaginei que minha mulher fosse tão forte — disse o idiota. — Só que você se enganou, pequena; acertou a mim pensando que fosse o larápio.

Os olhos de Jacqueline encheram-se de lágrimas. Considerou que já tinha sofrido demais. Fazia sentido continuar vivendo? Recusava-se a olhar para a mão envolta naquela bandagem chamativa. Dois dedos! Quais seriam? As lágrimas escorriam pelo rosto, imóvel, como o de um cadáver. Lembrou que na noite anterior estava lendo um livro interessante, um romance constituído por uma sequência de cartas, que depois ouviu tiros, e nesse momento adormeceu.

4.

Corria o ano de 1968, o mês de maio, mais precisamente. Jacqueline foi à janela e respirou fundo. Imaginou seus pulmões enchendo-se de iodo. Quatro anos tinham se passado desde que perdera o polegar e o indicador da mão esquerda. Desde o implante da prótese, Jacqueline sentia um peso enorme na mão. Qualquer movimento era bastante lento.

— A verdade é que todos nós precisávamos desesperadamente dessas férias — disse à cozinheira, a quem tinham trazido para passar aqueles dias com eles. Nessa manhã, Jacqueline lhe dava ordens com uma voz seca e mecânica, quase sem prestar atenção no que dizia. Mandara cozinhar os camarões e tirar-lhes a casca assim que estivessem cozidos; que o aipo fosse cortado em pedacinhos para uma salada; que ela preparasse um *consommé* de galinha e pusesse na geladeira duas garrafas de vinho branco. Depois, mais uma vez, acrescentou que realmente estava precisando de umas férias como aquelas, à beira-mar. Carregava as palavras como se pronunciá-las fosse para ela um grande esforço. Andou de um lado para outro, voltou a repetir com a voz rangente

que era preciso cortar os camarões em pedaços pequenos, que a empregada devia misturá-los com o aipo, que eles comeriam a salada com o vinho branco gelado, embora o caldo devesse ser servido, como é natural, antes de tudo. Abriu e fechou a geladeira sem parar, até repousar ao lado da janela, como se não quisesse deixar de assistir ao espetáculo representado pelo jardim e pelo mar.

Nicolás tinha alugado essa casa isolada nas proximidades de Pie de La Cuesta. O médico sugerira um lugar tranquilo, de preferência à beira-mar, bastante repouso mental, um pouco de televisão e exercício físico.

— Meu Deus! O que é isso? O que aconteceu? — gritou de repente, os olhos fixos no relógio. — Fale! O que foi? — a cozinheira virou-se para ela sem nenhuma expressão no olhar. — Por favor, Elena, pare de me olhar desse jeito, já pedi mil vezes para não me deixar mais nervosa do que já estou. Acho que ouvi um tiro. Você ouviu alguma coisa? — e, sem esperar pela resposta, saiu apressada da cozinha, atravessou a sala de jantar, avançou até o jardim e observou o marido, escarranchado ao lado da piscina. Passavam dois minutos do meio-dia. Tudo acontecera com a precisão de um mecanismo de relógio. Simulou expressões de surpresa, pânico e dor, descobrindo depois que nem tudo era fingimento, que seu rosto estava banhado em lágrimas, que na verdade nunca tinha odiado Nicolás, que aquilo era um erro gigantesco, que nunca mais poderia olhar nos olhos de Adolfo, o jovem e estúpido atorzinho que decidira cometer aquele crime. Ajoelhando-se ao lado do marido, recordou sua generosidade, sua grandeza, e ao mesmo tempo os caprichos desagradáveis e as mesquinharias incompreensíveis do ator, com quem vinha mantendo relações havia pouco mais de seis meses.

De repente, Nicolás começou a se erguer, com uma expressão de surpresa no rosto. Nesse instante, ouviu-se o disparo. Jac-

queline tentou dizer alguma coisa, mas a dor foi mais forte, nem teve tempo de dar um grito antes de cair aos pés de Nicolás Lobato. A bala incrustou-se no seu ombro direito.

Como se aquilo tudo já não fosse patético o bastante, pouco antes de ser levada à sala de cirurgia do hospital de Acapulco, quando lhe aplicavam uma injeção de sedativo, abriu os olhos, fitou o marido e, com a voz enturvada, absolutamente triste, murmurou:

— Finalmente você conseguiu se livrar de mim... — e adormeceu.

5.

Desde os tempos de estudante universitária, ficava enfastiada no mês de março. Seu aniversário era no dia 15. Detestava seu signo: Peixes, é claro. Várias vezes chegou a considerar que a maior parte dos momentos deploráveis de sua vida se devia à influência nefasta daquele signo em seu destino.

No dia 15 de março de 1974, Jacqueline completou quarenta e cinco anos de idade. Ao final de uma aula de Márgara sobre *A metamorfose*, deparou-se com uma festa surpresa preparada pela Academia. Logo percebeu ao seu lado a presença do professor Ferraris, que mal lhe dirigia a palavra desde a famosa viagem a Yucatán, onde ela conhecera aquele jovem atordoado de nome David Carranza, o qual aliás nunca mais vira desde o atentado fracassado contra Nicolás Lobato. Também nem sequer ouvira falar seu nome nos últimos dez anos, nem encontrara qualquer menção a ele nos jornais. Era evidente que aquele rapaz de tão grandes ambições e cérebro tão pequeno não tinha feito a carreira política com que tanto sonhava.

Ferraris começou a lhe fazer uma análise minuciosa das pes-

soas de Peixes. Falou de sua tendência para a arte, suas obsessões, suas virtudes inquestionáveis, seus riscos, suas recompensas, e ela, que durante aqueles anos respondera à indiferença dele com uma atitude igualmente distanciada, começou, surpresa diante daquela súbita onda de eloquência, a se envolver. Tudo o que ele dizia era verdade. Daria a vida para ter nascido sob o signo de Leão, ou para ser uma mulher de Touro, forte, decidida, implacável. Obviamente Jacqueline não contou a ninguém quantos anos estava fazendo. Era impossível que alguém, ao vê-la, adivinhasse sua verdadeira idade. Não deixara de se cuidar: massagem duas vezes por semana, uma dieta bem balanceada, exercícios todas as manhãs, natação aos sábados e domingos em Las Palmas, implantes de cabelo que pareciam ser realmente seus. Quem a conhecesse de outros tempos poderia jurar que a partir dos trinta e cinco anos a idade dela se congelara e que seu aspecto era atualmente melhor ainda do que naquela época. Procurou algum espelho com o olhar; não encontrou. Uma preocupação a assaltou de repente. Precisou ir ao banheiro para examinar o rosto; não havia nada de anormal. Depois, quando se dirigia ao jardim, foi invadida por uma nova onda de tristeza. Uma sensação de vazio: "Todos esses anos passados no mais absoluto vazio!", murmurou. Não conseguia entender o que havia feito de sua vida. O que acontecera com ela? Às vezes pensava que seria preferível ter um buraco no meio da mão a esses dedos que lhe haviam enxertado e que ela movimentava com muita dificuldade. Sofrera também uma cirurgia no ombro direito. Conseguia escrever, mas sempre de modo vagaroso; no entanto, durante a refeição, ninguém percebia nenhuma lentidão em seus movimentos. Também fora operada de alguns cistos nas partes íntimas. Sentia-se convencida de que a fortaleza que ela era e de que tanto se orgulhava baseava-se numa fé inquebrantável na cultura. Todos os anos frequentara com perseverança os cursos dados na casa de Márgara Armengol.

Mais de uma vez ouvira falar de Stendhal, Flaubert, Dostoiévski e Tolstói, Proust e Kafka, de Virginia Woolf, de Borges e de vários outros autores de cujos traços determinantes nem sempre lembrava com precisão. Lia os livros que os professores analisavam em classe, mas não era uma pessoa que se pudesse chamar de estudiosa; assim, se um professor repetisse durante alguns anos o mesmo curso, ela mal se dava conta. A cada aula, fazia anotações, enchia vários cadernos e os guardava numa gaveta de sua escrivaninha ou em outro lugar qualquer sem voltar a eles nem para uma olhadinha. O convívio na academia de Márgara Armengol e outras circunstâncias relacionadas com a bonança econômica de Nicolás Lobato tinham lhe proporcionado uma desenvoltura invejável. As viagens à Europa e a Nova York, que naquele período podia fazer quase anualmente, suas leituras, as constantes conversações com gente mundana e ilustrada permitiram-lhe adquirir a segurança de que antes carecia. Por incrível que possa parecer, o modo de se vestir tornou-se refinado. Seus maiores esforços, na academia, concentravam-se na oficina de criação literária. Escrevia contos. Os temas eram sempre os mesmos. Havia criado um universo pessoal em que as protagonistas eram normalmente mulheres bem parecidas com suas irmãs. Narrava suas pequenas misérias, seus sonhos toscos, o rancor que as embriagava e enturvava seus dias toda vez que se referiam à irmã vitoriosa, seu triste percurso entre a cafonice, a frustração e o tédio. Jacqueline observava aquelas figuras esquálidas a partir de um ponto de vista privilegiado. Era a única da casa a ter conseguido deixar a miséria para trás de forma definitiva. Toda vez que María Dorotea ou María del Carmen acreditavam ter saído da miséria, era apenas para voltar a chafurdar nela novamente pouco tempo depois. Escrevia nos fins de semana em meio ao esplendor das palmeiras, pois Nicolás mandara construir para ela um pequeno estúdio no jardim. Sua mesa de trabalho ficava ao lado de uma grande janela emoldu-

rada por buganvílias de diversas cores. No meio desse paraíso, ela se permitia um deslocamento para a sordidez opaca que cercava o mundo de suas irmãs. Produzia normalmente um conto a cada dez meses, ou seja, a duração de um curso.

De vez em quando, repetia a si mesma que adorava Nicolás, o qual, aos cinquenta anos, ganhara um aspecto de homem imponente e vitorioso. A inauguração de seu complexo hoteleiro foi considerada, na ocasião, um acontecimento turístico de importância nacional. Estiveram presentes o governador de Morelos, alguns secretários de Estado, representantes do setor financeiro nacional e dos círculos sociais mais restritos. Nicolás não poupou esforços. Jacqueline trajava uma verdadeira maravilha comprada em Nova York especialmente para a ocasião, uma autêntica joia: um vestido coral com um grande decote, de tecido transparente, bem curto na frente e com uma pequena cauda atrás. O dia estava horrível. Em Cuernavaca, onde a chuva em geral costuma cair à noite, ocorreu de repente um vendaval em forma de ciclone e em seguida uma tempestade de granizo que durou várias horas. Guarda-chuvas foram abertos para proteger o governador, Nicolás, ela mesma e alguns dos convidados mais distintos. Mesmo assim, acabou ensopada; seu vestido, leve, foi a principal causa de ter passado as duas semanas seguintes na cama com febre altíssima.

Embora o dia da inauguração tivesse sido radiante, aquela cerimônia com certeza a agradou menos do que o banquete surpresa com que Márgara Armengol decidiu comemorar seu aniversário. Voltou ao jardim, onde os colegas de curso já se reuniam, além de alguns outros de anos anteriores que ali compareciam com a finalidade exclusiva de abraçá-la, assim como uns quatro ou cinco professores da academia. No terraço, havia uma mesa com sanduíches e bebidas. Emocionada, fechou levemente os olhos e deixou-se cair numa rede; na verdade, teria caído ao chão caso uma mão não a tivesse segurado com firmeza. Sentiu-se nau-

seada, angustiada, triste, lembrou-se de que anos antes, quando ainda tinha todos os dedos, uma vidente lhe dissera que seu equilíbrio emocional se alteraria seriamente por causa de uma futura ausência do indicador e do dedo médio. Não eram exatamente esses os dedos perdidos no acidente, mas mesmo assim... Sentiu náuseas e vontade de chorar e de sumir para sempre deste mundo. Mas foi uma sensação momentânea: ao abrir os olhos, já se recuperara. Ao seu lado, mais uma vez, estava o professor Ferraris.

Sentiu-se tomada de uma timidez repentina. Não sabia o que dizer. Aturdida, começou a lhe falar da viagem a Yucatán, sobre os dias passados em Cozumel depois que se separaram em Mérida. De repente, estendeu na direção dele a mão ferida e mostrou os dois dedos postiços, duros, incolores. Com uma voz neutra, como quem retorna do inferno, anunciou-lhe:

— Veja o preço que paguei pela escapada que dei para aquela ilha maldita.

— Foi um tubarão? — perguntou Ferraris, embaraçado.

— Se preferir, pode chamá-lo assim. Tive de ir atrás de vários especialistas. O senhor não devia ter me deixado fazer aquelas loucuras — falava com tanta energia que se emocionou. — Passei de médico em médico. Acabei de terminar uma terapia com um psiquiatra, o primeiro que consultei, para uma volta às origens, por assim dizer, e agora estou tentando ir em frente com meus próprios recursos.

Certamente foi por intuição que ela adotou essa linha de conduta. Observava o professor de arte com atenção. Ele tinha mudado muito desde a época em que o conhecera. Conseguia até mesmo mencionar alguns dos acréscimos: manchas esbranquiçadas nas têmporas, uma barba aparada com esmero, um olhar fixo, certo ar perturbado. Parou ao lado dele um garçom com uma bandeja de sanduíches e outra pessoa se aproximou com as bebidas.

— Só posso beber refrigerante ou suco — e contou-lhe

então, em detalhes, que fazia algum tempo ele só vivia à base de ansiolíticos e antidepressivos. Ficou sabendo que nunca haviam receitado ansiolíticos a Jacqueline. Ela nem sabia muito bem o que era aquilo. — É uma novidade, pelo menos foi o que me disseram. A gente precisa perder o medo da química. São os medicamentos mais adequados para combater as síndromes de angústia — acrescentou.

— Ah, é? — perguntou Jacqueline, um tanto atemorizada, decidida a mudar de assunto e, se fosse possível, de cadeira. Pareceu-lhe que a conversa se desviava para temas íntimos demais e que, nessa toada, ela, espontânea que era, começaria a falar dos cistos que tinham retirado de suas partes mais íntimas. Havia tanta coisa a esconder em sua vida que, quando se tratava de assuntos não particularmente perigosos, podia desandar a falar loucamente, sem controle. Porém, sem dar tempo para que ela se retirasse, ele começou a relatar alguns de seus próprios infortúnios. Contou que era filho de italianos, algo que ela já sabia muito bem, que tinha aprendido a língua dos pais antes mesmo do espanhol, que durante toda a vida tinha se considerado um italiano radicado, sem saber muito bem por quê, no México. Aperfeiçoou-se no idioma no Instituto Italiano de Cultura e fez depois mestrado em literatura italiana na Faculdade de Filosofia e Letras. A maior parte de suas leituras era realizada, é claro, em italiano. Haveria alguma coisa estranha, portanto, no fato de imaginar que o lugar onde lhe cabia viver era a Itália?

— Há uns quatro anos, mudei para Milão. Talvez você nem tenha notado minha ausência — disse ele, com ressentimento. — Achei que tinha chegado a hora de morar no país que eu considerava meu e dar continuidade à minha vida acadêmica ali. Em poucos meses, percebi que não ia dar certo. O meio em que eu vivia era, infelizmente, muito medíocre. Depois de dois anos sem acertar as coisas, resolvi voltar para o México. Senti que, gostando ou

não, o México era o único lugar que eu conhecia e onde poderia fazer alguma coisa. Em Milão ou qualquer outra cidade da Itália eu seria sempre um desconhecido. Poderia passar a vida toda ali vegetando. Então, voltei. Integrei-me novamente à universidade e retomei meus cursos nesta casa de amizade e saber criada pela nossa querida Márgara. E aqui estou eu. Devo dizer que o homem que está aqui de volta já não é o mesmo que partiu com a absurda ilusão de abraçar o mundo. Mas o México não perdoa, querida amiga, não perdoa. Poucas semanas depois de ter voltado para cá, fui vitimado por um mal nervoso, uma doença inexplicável que desde então não me dá trégua. Juro que quase fiquei louco. A primeira crise me pegou desprevenido. Eu me senti habitado por uma força estranha, destrutiva, abominável, que desdenhava tudo aquilo que eu tinha sido até aquele momento e me negava qualquer possibilidade de reabilitação. Foi uma coisa impiedosa. Aquela noite foi como uma temporada no inferno. Sabia ser vítima de um mal obscuro e era, ao mesmo tempo, testemunha da possessão que se abatia sobre um homem indefeso. Uma verdadeira dupla personalidade, eu lhe juro. Será que não a estou aborrecendo com essas manifestações de sinceridade, de que, posso lhe garantir, não sou nada pródigo? — perguntou subitamente, com a voz seca e insípida. O círculo que envolvia seus olhos era tão escuro que dava a impressão de que ele usava uma máscara em cujas frestas brilhava um par de olhos enlouquecidos.

— Se existe alguém aqui capaz de compreendê-lo, sou eu. Saiba disso — respondeu Jacqueline. — O senhor não pode imaginar o que passei...

— Desde aquela noite eu vivo perseguido pelo terror — prosseguiu Ferraris, sem mostrar muito interesse, pelo visto, por aquilo que ela tinha passado. — Frequentei um terapeuta que me ajudou a seguir em frente. Graças a ele, saí do fundo do poço, o que está longe de significar que já esteja me sentindo totalmente

bem. Desde aquele momento, e talvez seja assim para sempre, meu organismo só se mantém de pé por causa da química. Tenho medo de suspender os medicamentos de uma vez, tenho medo de pirar definitivamente. O medo de que a crise volte é permanente, a ideia de que de uma hora para outra, de forma totalmente inesperada, eu possa ser acometido novamente pelo horror que me perseguiu não me deixa viver em paz. As primeiras horas da tarde, depois do almoço, são as piores. Que perturbação, minha nossa, que perturbação! Nessas horas, parece que um exército de formigas percorre todos os meus nervos, já tão extenuados...

Silenciou. Jacqueline não sabia qual comentário seria mais apropriado fazer. Apenas observava aquele rosto contraído pelo sofrimento e o olhar derrotado e amedrontado do professor de arte. Ao final, respondeu convicta:

— Ligue-me sempre que se sentir angustiado, sempre que precisar, quando tiver vontade. Ligue para os amigos. Ligue para mim. Talvez isso possa ajudar a nós dois.

A partir dessa dia, passaram a se falar pelo telefone. Mais adiante, ela decidiu visitá-lo e eles entabularam, então, uma fértil troca de desventuras. Falavam sem parar. Não se entendiam muito bem, mas sabiam que precisavam um do outro. Foram juntos a uma sessão de limpeza numa curandeira. A mulher cobriu a parte de cima de seus corpos com ovos que depois ia quebrando enquanto declarava que os dois, e especialmente ele, tinham sido atingidos pela inveja daqueles que lhes queriam mal. Fizeram exercícios de ioga, tratamentos de acupuntura, compareceram a leituras de tarô, mapas astrais, e o mal começou a recuar. Um dia, quase sem perceber, começaram a fazer amor, como se fosse apenas mais um exercício que estivessem praticando para exorcizar os demônios que os possuíam. Na tarde em que estiveram nus pela primeira vez, ela ficou atônita diante do mau cheiro que saía do corpo do professor e da sujeira de suas roupas íntimas. Uma

coisa inacreditável! No mesmo dia, propôs-se a ajudá-lo a corrigir essa anomalia. Sua vida, pensou Jacqueline, voltava a ter sentido. Amava e era amada. A primeira coisa a fazer era levar seu amante a recuperar a autoconfiança. Num sábado de verão, realizou-se no salão de conferências de Las Palmas uma palestra de Ferraris sobre a pintura italiana contemporânea. Graças ao exército de funcionários mobilizado pela sempre eficaz Alicia Villalba, que acompanhara Nicolás Lobato em sua empresa de Cuernavaca, ela conseguiu fazer com que a sala estivesse lotada. Em seguida, houve um coquetel luxuoso. Mais uma vez, não se pouparam esforços. E ao final, ao anoitecer, quando o grupo de Márgara Armengol se preparava para partir e Jacqueline, assumindo seu papel de anfitriã, despedia-se dos convidados, Ferraris pediu-lhe que voltasse com ele para a capital. Ela explicou, com um sorriso largo, como se falasse com uma criança, que era impossível sair de Cuernavaca naquela hora, que tinha de se ocupar do marido, a quem só via nos fins de semana, que Nicolás nunca conseguiria entender que ela voltasse para a Cidade do México como se fosse mais uma simples convidada.

E, nessa noite, entregou-se a Nicolás Lobato com um frenesi que mais uma vez o surpreendeu e que, durante toda uma temporada, voltaria a se repetir com a mesma intensidade em todos os fins de semana.

Ao telefonar na segunda-feira para Ferraris, atendeu uma voz seca e ríspida dizendo que queria manter a maior distância possível entre eles, que ele não tinha como não se sentir ludibriado. Achava que estavam ligados por laços humanos e não meramente animais, mas infelizmente tinha se enganado. Mais um erro em sua estúpida e ingênua vida, ele tinha de admitir. Ela desligou o telefone, entrou no carro e se dirigiu a toda a velocidade para a rua de la Higuera, em Coyoacán, onde ficava o pequeno apartamento de seu amante. Bateu na porta por um bom tempo. Quando ela

finalmente se abriu, entrou como um vendaval, arrastando Ferraris consigo. Foi até o minúsculo e bagunçado quarto, jogou-se pesadamente na cama e começou a chorar. Algum tempo depois, um tanto recomposta, disse:

— Não tive a intenção de deixá-lo angustiado, Gianni Ferraris. Você nunca poderá imaginar o que foi minha vida, não conseguiria entender como pude resistir, como consegui manter até hoje pelo menos um fiapo de minha razão. Você diz que desceu até os infernos. Muito bem, eu acredito. Acha, porém, que eu, nesses últimos anos, tenho vivido num mar de rosas? Não quis sufocar você com minhas desgraças, nunca fiz isso, você sabe bem, mas agora me parece necessário que comece a falar. Acha que foi fácil para mim sobreviver ao casamento? — e começou a se estender febrilmente contando as supostas torturas a que era submetida pela lascívia animalesca do marido. Mostrou-lhe a mão onde a prótese estava aplicada, movendo os dedos artificiais com lentidão, apontando especialmente para a cicatriz no ombro, como se tudo aquilo fosse o resultado de várias noites de uma luxúria criminosa. Ele a fitava de olhos arregalados. — Quando conheci você, descobri que havia certas coisas a que já não era mais possível ceder — e sem fazer nenhuma transição começou a falar das limitações intelectuais e morais do marido, da opulência agressiva em que ele vegetava, de seus gastos escandalosos. E acrescentou que, ao contrário, no caso da palestra de Ferraris e do coquetel posterior, ele dera mostras de uma mesquinharia vergonhosa. Ferraris ficou pasmo, pois nunca tinha participado de um evento tão suntuoso.

A partir desse dia, ela deu início à cantilena de sempre: por que Nicolás Lobato podia desfrutar de todas as riquezas deste mundo enquanto um professor de história da arte, dono de uma vasta cultura, que precisa de livros caros e de viagens para atualizar seus conhecimentos, deve contentar-se com alguns trocados,

matando-se em suas aulas e proferindo de vez em quando uma palestra para um público de garçons, cabeleireiros e mensageiros de hotel que obviamente não têm o menor interesse por arte? Jacqueline insistia como uma gata, miava as ofensas sofridas, emitia, a cada momento que lhe parecia propício, alguma insinuação sobre a desnecessária permanência de seu marido neste mundo. Fincava pé, insistentemente, no costumeiro desprezo de Nicolás pela arte e por qualquer manifestação cultural.

— Não estou entendendo nada — disse ele, entre gemidos. — Não quero saber o que seu marido acha ou não acha. Preciso de tranquilidade, você não percebe? A única coisa que eu lhe peço é paz, e você vem me assustando, me martirizando. Deixe-me só, por favor, pare de me angustiar. E, quanto à palestra que organizou em Cuernavaca — acrescentou, sentido —, você não tinha dito nada sobre o público com quem eu me encontraria.

— Não queria perturbá-lo, Gianni, eu não podia fazer isso — respondeu, para em seguida acrescentar: — Se Nicolás morresse, e rezo todas as noites para que isso aconteça, eu imediatamente venderia Las Palmas, esse hotel faraônico que detesto tanto. Com isso, resolveríamos nossos problemas para o resto da vida.

Depois dessas conversas, as crises nervosas de Ferraris costumavam se manifestar com inusitada violência. Tudo o que ganhara nas semanas anteriores se desfazia num átimo. Atirava-se na cama, contorcia-se, coçava os braços e o peito. As formigas sob a pele percorriam o corpo todo. Perdia peso de forma visível. Mas as palavras de Jacqueline tinham conseguido incutir nele o seu veneno. Se Lobato morresse, poderia recuperar a saúde em alguma das melhores clínicas do mundo, nas montanhas suíças, na Floresta Negra, em Málaga. Imaginava-se num quarto em plenos Alpes a folhear alguma monografia luxuosa sobre Giorgio Morandi enviada da Itália para que ele pudesse escrever um ensaio enquanto se submetia ao tratamento adequado.

— Existe alguma possibilidade, eu me atreveria até a dizer alguma esperança, de que seu marido morra logo? Ele tem algum problema de saúde? — perguntou, finalmente, certo dia.

— Nicolás Lobato é um touro, ou pelo menos acha isso, mas eu mesma me encarregarei de abatê-lo. Chegou a hora de pagar com maldade todo o mal que ele me fez conhecer nesses anos todos. Preciso apenas pensar um pouco sobre a maneira de o eliminarmos. Poderíamos entorpecê-lo com um sonífero, por exemplo, colocá-lo dentro de um carro, levá-lo até algum lugar mais alto no caminho para Cuernavaca e ali lançar o veículo num precipício. A morte ocorreria, eu imagino, e espero, de forma imediata. Eu conduziria o carro dele, iríamos pela estrada velha para não ter de parar em nenhuma cabine de pedágio. Eu vestiria uma capa que comprei há alguns anos em Londres, uma capa linda, bem o contrário de uma *piñata*,* posso lhe garantir — disse ela num momento de absoluta incoerência, e depois prosseguiu: — Eu pararia o carro na beira do precipício, desceria dele, e então você, com o outro carro, daria um empurrão. Seria o suficiente. Voltaríamos depressa para minha casa para aguardar o telefonema que nos anunciaria, então, que estava tudo acabado, que nossa opressão sem limites era coisa do passado, que o futuro se abria diante de nós radiante para nos acolher como os filhos preferidos.

Gianni Ferraris nunca aprovou esses planos. No entanto, deixava-se manipular como um autômato, como se não conseguisse escapar de um sonho. Fizeram várias viagens para encontrar o local mais apropriado. Bolaram qual seria a melhor maneira de atrair Nicolás Lobato para a Cidade do México, onde ele cos-

* A *piñata* é um objeto multicolorido do folclore mexicano, de diferentes tamanhos, normalmente na forma de uma estrela com seis pontas, usado em datas festivas. (N. T.)

tumava ficar semanas sem aparecer. Com a nítida sensação de algo já visto antes, Jacqueline repetia um dos esquemas idealizados por ela no passado. Fingiria estar doente, telefonaria para Cuernavaca dizendo-se à beira da morte. Teria de ser numa tarde ou no início da noite de um sábado. No domingo, não haveria ninguém em casa. Eles enfiariam o corpo entorpecido de Nicolás num automóvel e efetivariam a grande operação.

Ferraris sentia necessidade, naqueles dias, de tomar altas doses de tranquilizantes. Suas reações tornavam-se cada vez mais lentas; seu modo de falar, cada vez mais enrolado. Jacqueline queria que a ação se desse o mais rapidamente possível, temerosa de que uma espera muito grande fosse fatal para o amante. Tinha consciência de que o plano estava ainda num estágio embrionário, que os detalhes estavam ainda descosturados, como que presos somente com alfinetes, mas confiava em que tudo se resolveria na hora, intuitivamente. Se não agisse logo, Gianni acabaria desmoronando e internando-se numa clínica psiquiátrica. Àquela altura de seu relacionamento, já não conseguiam fazer amor, de tão desgastado que seu organismo estava; em compensação, nos fins de semana que passava com o marido, ambos atingiam extremos orgíacos, enlouquecedores, como todas as vezes em que ela urdia sua morte.

Finalmente, definiram uma data. Jacqueline levou o amante, mais uma vez, para estudar o local escolhido. Naquela noite, jantariam na casa dela com Márgara Armengol e seu namorado francês, que ia com a amiga a toda parte, um sujeito antipático que tinha o defeito insuportável de falar pelos cotovelos. Como sempre acontecia na vida de Jacqueline, as coisas se deram de forma dramática e seguindo um enredo totalmente diferente do previsto.

Naquela noite, quando ceavam com Márgara e seu amigo falastrão, dois agentes policiais irromperam de repente na sala de

jantar de Jacqueline. Em tom autoritário, perguntaram por Nicolás Lobato, e ela, como era de esperar, respondeu com certa hesitação que ele não estava em casa, que raramente jantava ali, pela simples razão de que tinha mudado o grosso de seus negócios para Cuernavaca. Caso já não soubessem, seu marido era o dono do complexo hoteleiro Las Palmas, um lugar tão grande que tinha até campo de golfe. Ao abrir a porta da cozinha, viu que havia outros policiais na casa, interrogando os empregados. Um dos oficiais que parecia ser de patente mais elevada insultou grosseiramente Márgara e o francês por estarem, com sua presença, atrapalhando a investigação, e mandou que se retirassem da casa imediatamente com ordem para não deixarem a cidade sem autorização por escrito. Jacqueline estava perplexa. Por um momento, teve a esperança de que seu marido já não estivesse mais entre os vivos, sem que ela e Ferraris tivessem tido necessidade de sujar as mãos. Assim que Márgara e seu amigo saíram, o interrogatório adquiriu outras tonalidades. Jacqueline e Ferraris foram insultados com as palavras mais vis que se podia imaginar. Ela teve a impressão de que os policiais tomavam Gianni como seu amante. Insistiam em saber onde andava o marido, onde, merda!, eles os haviam escondido, quando o tinham visto pela última vez, a que hora ele tinha telefonado naquele dia e de onde. Não queriam aplicar neles a rudeza de que seu silêncio os fazia merecedores, disse um dos homens, dando ao mesmo tempo uma grande bofetada em Ferraris, por isso exigiam respostas claras e verdadeiras. Onde Nicolás Lobato se escondera? Para onde tinha fugido? Seguiram-se então as ameaças. Se não o entregassem, dizia o mesmo homem, com uma das mãos a postos no ar ao mesmo tempo em que com a outra sacolejava Jaqueline com força por um dos ombros, seriam presos, teriam as cabeças enfiadas em baldes cheios de merda, e aquele veado que se achava muito gostosão seria posto pendurado pelos colhões. Queria ver se continua-

vam a se fazer de mudos quando sentissem um par de botas dançando mambo em cima de seus belos ventres, quando os deixassem sem nenhum osso inteiro, eles veriam... eles veriam...

— O que aconteceu com meu marido? — perguntou Jacqueline com receio e já totalmente fora de prumo. — Diga de uma vez por todas, por favor.

— O quê?! Vai me dar a bunda se eu disser? Escute, sua bonequinha de merda, quem faz perguntas aqui somos nós, e é bom que você comece a saber disso desde já — respondeu um dos oficiais com grosseria, dando ao mesmo tempo outro soco em Ferraris. O lugar ficou logo cheio de policiais. Ferraris começou a emitir gritos inarticulados, movendo os braços cruzados contra o rosto. Um policial colocou-se atrás dele, torceu-lhe os pulsos, e os gritos deram lugar a gemidos; o corpo tremia todo, de forma desordenada, enquanto os agentes começavam a procurar pela casa alguma coisa que Jacqueline não sabia o que poderia ser. Tudo o que havia dentro de caixas e gavetas foi espalhado pelo chão. Depois de algum tempo, o casal foi colocado numa viatura da polícia, que partiu em direção desconhecida.

Jacqueline ficou presa por quase duas semanas. Soube em meio aos interrogatórios que o marido, segundo a polícia, tinha articulado uma falência fraudulenta em sua empresa e desaparecido de seu império em Morelos. Nos dias seguintes, não conseguia entender nada: tratavam-na como uma criminosa da mais baixa ralé, insultavam-na, sacolejavam seu corpo, puxavam-na pelos cabelos, queriam saber onde tinha escondido o cadáver do marido. Durante vários dias e várias noites, fizeram-lhe repetidamente, sem parar, as mesmas perguntas. Ela não sabia de nada e, por isso, não conseguia responder nada. Quando finalmente a soltaram, procurou por Ferraris e foi informada de que ele não tinha voltado ao apartamento. A leitura dos jornais foi ainda pior para ela do que os rigores da prisão. Ficou sabendo, por intermédio

deles, que ela e o professor de arte eram suspeitos de ter cometido um crime. Concretamente, de terem assassinado Nicolás Lobato na estrada velha de Cuernavaca. Provavelmente Ferraris falara de seus planos e a polícia dava como certo que o crime já tivesse sido cometido. De qualquer forma, Ferraris também tinha declarado que sua confissão não era válida, pois fora obtida sob tortura.

Sentia nojo ao ler aqueles jornais, em que era tratada com um mau-caratismo inaudito. Só faltava encontrar o cadáver, diziam os jornalistas. Em certos dias, achava que estava ficando louca. Seus irmãos e irmãs não deram nenhum sinal de vida, pelo que, no fundo, ela ficava grata. As empregadas a tinham abandonado antes mesmo de que ela voltasse para casa, certamente aterrorizadas pela polícia. Márgara Armengol negou-se a atendê-la ao telefone; quando tirava o fone do gancho desavisada, botava-o de volta no lugar assim que reconhecia a voz apagada de Jacqueline. A casa tinha sido vítima de um saque generalizado. Seus casacos de pele, suas joias, o dinheiro — tudo tinha desaparecido. O pobre Gianni continuava preso, e não a autorizavam a visitá-lo. Só encontrou apoio em Alicia Villalba. Ela é que tinha tomado as medidas necessárias para que Jacqueline saísse da prisão, ela é que a pusera em contato com o advogado de Nicolás Lobato, um tal de doutor Paredes, Marcelino Paredes, para ser mais exato. Meses depois, esse mesmo doutor Paredes conseguiu apresentar provas incontestáveis de que Nicolás Lobato estava vivo, em Madri, de onde não podia ser extraditado porque o México e a Espanha não tinham nenhum tratado nesse sentido.

Foram necessários vários meses para que chegasse a documentação oficial do consulado mexicano em Madri comprovando, sem nenhuma sombra de dúvida, que Nicolás Lobato estava na Espanha. E foi graças a esses documentos que se tornou possível tirar Gianni Ferraris da prisão.

Certa manhã, bateram à porta do apartamento de Jacque-

line. Ela se levantou para abrir, imaginando que fosse Alicia Villalba. Quem entrou, porém, foi Gianni Ferraris. Logo ao abrir a porta, ela sentiu o cheiro repugnante do hálito do professor, o que interpretou de imediato como um péssimo sinal. Estava furioso. Não falou nada, tampouco gritou, como teria feito antes. Arrastou-a até o quarto, encurralou-a num canto, afastou-se ligeiramente e em seguida correu em sua direção com a cabeça abaixada, investindo contra seu peito, fazendo-a perder o equilíbrio e cair no chão. Depois, continuou aplicando-lhe golpes de forma brutal, totalmente fora de si.

Era inacreditável a força que aquele homem tinha reunido no estado de semidemência em que se encontrava. Jacqueline não soube dizer quanto tempo o ataque tinha durado nem em que momento o italiano saiu de sua casa. Acordou muitas horas depois com o corpo cheio de contusões. O quarto estava às escuras. Levantou-se com muita dificuldade para chegar até o interruptor. Andou em direção à cama como uma sonâmbula. Aterrorizou-se ao ver seu corpo por inteiro no espelho, o rosto coberto de manchas, a roupa ensanguentada e rasgada; faltava-lhe um pé do sapato. Decidiu ligar para algum médico, mas a única coisa que suas forças permitiram foi chegar até a cama, onde voltou a perder a consciência.

6.

Foi muita sorte que a escritura da casa estivesse em seu nome. Sobrava-lhe pelo menos aquele lugar para se refugiar. O doutor Paredes sugeriu que ela a vendesse e, com o dinheiro obtido, comprasse o apartamento de um outro cliente dele que estava para ser posto à venda no bairro de Nápoles.

— Dessa maneira, a senhora poderá ficar a meio caminho entre Coyoacán e Polanco, os dois lugares onde morou até hoje — comentou o advogado. Como se estar no meio do caminho pudesse mitigar a angústia e o pânico que tomavam conta dela!

Paredes insistia em que ela pusesse o resto do dinheiro numa conta bancária, de modo a manter o capital e poder viver dos juros. No entanto, não foi possível comprar aquele apartamento de Nápoles, pois a venda de sua casa demorou mais do que o previsto. Várias vezes Nicolás lhe dera documentos para assinar e ela o fizera sempre de modo mecânico, sem nem mesmo perguntar do que se tratava, confiando no talento do marido para os negócios. Quando a quis vender, ficou sabendo que a casa de Polanco

estava hipotecada. Somente depois de uma série de trâmites entediantes e para ela incompreensíveis que levaram mais de um ano para se resolver, em meio aos quais um tabelião chegou a lhe mostrar documentos assinados de seu próprio punho e dos quais ela nem mesmo se lembrava, foi que o doutor Paredes conseguiu realizar a operação e obter uma quantia ridícula por aquele casarão onde ela tinha sido tão infeliz. Um funcionário do advogado cuidou de vender os móveis, pelos quais também recebeu uma ninharia.

Um belo dia, viu-se morando num pequeno apartamento parcamente mobiliado na rua Balderas. Assim, não tinha escapado da sina de seus familiares: agora, ela também voltava a chafurdar na miséria. Vivia dos minguados juros pagos pelo banco, mas estava decidida, pela primeira vez desde o seu casamento, a ser mais cuidadosa com o dinheiro. Desde a mudança para a rua Balderas, não conseguia fazer outra coisa senão jogar paciência e ruminar obsessivamente o passado. A vida se apresentava a ela como uma viagem sem destino no meio do deserto. Dizia a si mesma que, no fundo, apesar das aparências em contrário, seu caminho tinha conhecido poucas variações. O problema mais grave, no futuro imediato, não lhe parecia ser de ordem econômica, mas sim as consequências da enorme solidão que a cercava. Não se sentia capaz de pedir ajuda a nenhuma das relações de Lobato. A imprensa a tratara de modo tão impiedoso que tinha certeza de que seria expulsa de qualquer lugar onde se apresentasse. Voltar-se para os familiares era algo que de maneira nenhuma lhe podia ocorrer. Jamais proporcionaria um prazer desse tamanho a María Dorotea! O pilar emocional mais sólido, para além de seus relacionamentos conjugais ou extraconjugais, era constituído, fazia muitos e muitos anos, pela sua amizade com Márgara Armengol. Tinha certeza de que o sentimento era recíproco. O tempo cuidaria de esclarecer os mal-entendidos surgi-

dos entre elas. Chegaria um momento em que Márgara sentiria falta dela tanto quanto ela agora sentia da amiga. Conversariam como se nada tivesse acontecido. Pensar em Márgara levava-a a voltar mentalmente aos seus anos felizes de estudante, ao seu noivado com Nicolás Lobato, ao seu casamento e às diversas vicissitudes comuns a toda vida conjugal. E fora graças a Márgara que ela tinha ingressado no mundo da cultura. Aquela amizade, portanto, proporcionava uma unidade à sua vida. Pensar em Márgara significava reviver as noites de preparação para os exames à base de benzedrina, as festas de juventude, as cuba-libres, a vodca Smirnoff, as genebras abundantes, as insuportáveis ressacas subsequentes, as noites em claro, até o amanhecer, dançando mambo e chachachá. Sob a aparência de uma grande desordem, o que havia, no fundo, era uma total inocência! Depois, o surgimento de novas aspirações: galerias de arte, cineclubes, aulas, anos inteiros aperfeiçoando-se para ser uma mulher a quem o marido não pudesse rebaixar como bem entendesse. E para o que tinha servido tudo aquilo?! Sabia muito bem que, morta a mãe, sua verdadeira família não era constituída por María del Carmen, María Dorotea, Adrián ou Marcelo, mas sim por Márgara e uma ou outra pessoa de seu círculo. Por isso, foi ela a primeira pessoa que procurou ao sair da prisão. Com um mau resultado, como já vimos.

Quando avaliou que já tinha passado tempo suficiente para que Márgara se recuperasse do susto inicial, voltou a lhe telefonar. A amiga atendeu, e Jacqueline cumprimentou-a fazendo um esforço gigantesco para adotar um tom, se não de despreocupação, que ao menos aparentasse uma certa normalidade. No primeiro angustiante momento de incerteza, achou que a amiga desligaria. Mas, pelo visto, àquela altura Márgara Armengol já tinha decidido marcar, de maneira definitiva, sua posição. Manteve-se inicialmente em silêncio, até que Jacqueline, cada vez mais titu-

beante, perguntou se ela a estava escutando. Nesse momento, com uma voz de aço, impessoal, a outra lhe disse que exigia, não solicitava, não pedia, mas sim exigia que ela suspendesse toda e qualquer forma de contato, tanto com ela como com qualquer professor ou aluno da academia. Falou-lhe coisas extremamente desagradáveis sobre os fatos que tinham chegado ao seu conhecimento pela imprensa, em especial sobre as relações mantidas com um dos professores de sua instituição, como se ela, diria Jacqueline a si mesma mais tarde, sendo sua confidente mais íntima durante anos, nunca tivesse desconfiado de que seus laços com Ferraris fossem mais íntimos do que os normalmente estabelecidos entre uma aluna e um professor. Afirmou também que ficara sabendo pela imprensa de situações cuja sordidez nunca se atrevera nem sequer a imaginar, como o plano de assassinato de seu marido, no qual, com evidente má-fé, tratara de envolver o referido professor Ferraris.

— Tomo a liberdade de lhe informar — prosseguiu, suprimindo qualquer tratamento mais íntimo — que talvez para mim seja mais difícil mencionar esses fatos do que para a senhora. Quero deixar bem claro que nossa relação acabou! Nunca poderia imaginar que a senhora retribuiria com esse tipo de comportamento toda a atenção que eu e meus amigos e colegas lhe dedicamos durante o período em que sua presença foi tolerada nesta instituição cultural. Passar bem! — concluiu subitamente, desligando o telefone.

Para Jacqueline, o golpe foi terrível.

O período que se seguiu foi o mais triste de toda a sua vida.

Mas, para uma melhor compreensão desta história, seria conveniente repassar alguns acontecimentos prévios:

Quando Jacqueline voltou a si depois do choque causado pelos golpes aplicados por Gianni Ferraris, ela se pôs de pé com dores terríveis e a sensação de estar mais uma vez prestes a perder

a consciência; conseguiu vestir um agasalho e sair de casa. Não sabia por quanto tempo tinha estado inconsciente. Nem mesmo lavou o rosto, onde o sangue tinha formado crostas que, com os hematomas produzidos por derrames internos, a deixavam desfigurada e feia. Aquela mulher que, a passos lentos e inseguros, perambulou por um tempo nas ruas em busca de um táxi era, toda ela, uma imensa dor. Do consultório do médico, foi mandada diretamente para um hospital, onde permaneceu duas semanas internada. Afora uma visita de Alicia Villalba, ficou ali só e totalmente esquecida. Puseram-lhe um colete de gesso, levou vários pontos numa ferida acima da sobrancelha direita, aplicaram-lhe várias injeções por dia e fizeram-na ingerir sedativos de forma ininterrupta. Do hospital, telefonou várias vezes para o escritório de Paredes, que nunca a atendeu nem deu retorno a suas chamadas. Depois de receber alta, Jacqueline foi imediatamente procurá-lo. O advogado desculpou-se com uma indiferença que beirava a grosseria. Afirmou que nunca lhe tinham passado os recados dela, mas que achava que não valia a pena discorrer sobre erros do passado. Foi nessa ocasião que ele informou que ela tinha o direito de ficar com a casa de Polanco, pois a escritura estava em seu nome, e sugeriu que a pusesse à venda e mudasse para um lugar mais barato. Acrescentou, quanto aos dois automóveis, que tinha sido obrigado a entregá-los a um representante dos credores, pois estavam no nome de Lobato.

Jacqueline pediu ao advogado que lhe desse o endereço do marido na Espanha. Precisava urgentemente, disse ela, entrar em contato com ele e pedir-lhe orientações. Devia vender tudo e encontrar com ele em algum lugar da Espanha? Ainda não sabia de nada sobre o encargo que pesava sobre a propriedade e o quanto seria limitada a quantia que conseguiria receber pela venda de uma casa hipotecada. O advogado recusou-se a informar o endereço solicitado. Precisava primeiro consultar seu

cliente. Jacqueline sentiu-se bastante consternada. Escreveu ali mesmo uma carta e entregou-a a Paredes com o pedido de que a fizesse chegar ao seu destino. Nela, relatava ao marido que tinha sido presa, humilhada e caluniada, que vivia com a sensação de que aquele escândalo manchara sua vida para sempre; um professor italiano de sobrenome Ferraris, não sabia se se lembrava dele, tinha sido forçado, sob tortura, a confessar a existência de um complô para assassiná-lo, isso mesmo, a ele, Nicolás Lobato, para ficar com sua fortuna, professor este que, em consequência dos maus tratos recebidos, tinha perdido a razão e que mais tarde fora declarado inocente e libertado e que, num de seus acessos de loucura, a agredira com uma violência criminosa de cujas consequências ainda lhe faltava muito para estar curada. Pedia-lhe na carta, com delicadeza, um auxílio financeiro, uma pensão mensal que a ajudasse a enfrentar sua difícil situação até conseguir vender a casa e juntar-se a ele.

Nunca recebeu qualquer resposta. Nos meses seguintes, voltou a se encontrar com o advogado, que se encarregou de vender a casa hipotecada, assim como os móveis, pelos quais, como já se disse, ela recebeu uma quantia bem abaixo do valor real mas que lhe possibilitou instalar-se no apartamento da rua Balderas. Como em outros momentos de sua vida, seus movimentos e os próprios fatos pareciam se desenrolar numa paisagem onírica, onde ela era, ao mesmo tempo, a protagonista e a testemunha que registrava e avaliava tudo o que acontecia. Era melhor assim: não ter consciência da amplitude de sua desolação, do futuro árido que a aguardava. Aos poucos, sem se dar conta do processo, foi voltando a registrar a realidade. Não tinha noção exata do tempo transcorrido nesse período. Ainda vivia na casa de Polanco ou já tinha mudado para o seu modesto cantinho da Balderas? Nos primeiros meses de resgate da realidade, manteve-se a maior parte do tempo isolada, procurando ler algumas obras que tinha estudado

na academia, em que não passava os olhos desde o momento de sua prisão. Ondas de melancolia a atingiam vez por outra, precedidas quase sempre de um forte desequilíbrio nervoso. "Só faltava agora isso acontecer também comigo", resmungava, "que eu sofra esses formigamentos no corpo de que tanto reclamava aquele doido maldito", e nesses dias deixava os livros intocados e permanecia estendida na cama tomando os remédios que um neurologista, indicado pelo doutor Montenegro, seu médico, lhe administrara. Podia passar semanas inteiras apenas jogando paciência.

Ao sentir que já havia passado tempo demais sem nenhuma notícia sobre Nicolás Lobato, fez um novo esforço para resolver seus problemas por conta própria. Vestiu-se com a maior sobriedade possível e voltou mais uma vez ao escritório do evasivo doutor Paredes. Pediu-lhe uma recomendação para que pudesse conseguir um emprego. O advogado, porém, sem negar cabalmente o pedido, tampouco aquiesceu. Como sempre, disse que precisaria primeiro solicitar ao seu cliente, e ela podia entender isso melhor do que ninguém, uma autorização para fazê-lo. Jacqueline respondeu que compreendia sua cautela, mas que lhe agradeceria muito se ele, ao fazer contato com Nicolás, também lhe informasse que ela tinha sido presa, torturada física e moralmente, perseguida pela imprensa sem nenhuma compaixão, tratada como a pior das mulheres, como uma prostituta vil, atacada por um maluco, que em vários momentos acreditou que ela mesma estava a ponto de endoidecer mas que, no entanto, suportara essas duras penas em solidariedade a ele, por afeto, quer dizer, por amor; que lhe dissesse também que ela havia mudado para um apartamento bem modesto, o de número 6 na Balderas 95, que ele por favor mandasse algumas linhas para esse endereço com as orientações sobre o que ela deveria fazer dali em diante, se devia mudar para a Espanha ou esperar por ele no México.

Mesma coisa: nunca recebeu nenhuma linha de volta de

Nicolás Lobato. Viveu um ano no apartamento da Balderas, entediada, sem encontrar nenhum sentido para os seus dias, chegando a perder a partir de determinado momento qualquer vontade de ler, sem amigos, sem receber visitas, com exceção de alguma, esporádica, de Alicia Villalba, ou de uma vizinha idosa, uma médium falastrona e generosa. Àquela altura, Jacqueline já tinha parado de ler; não conseguia se concentrar. Não conseguia se interessar por nada. Abrir um livro atiçava sua tristeza, sentia-se alterada, porque era levada a admitir suas deficiências. Foi essa vizinha bondosa que lhe apresentou Mario e Manuel Requena, seus sobrinhos, que mantinham uma loja de livros esotéricos ao lado do cine Metropólitan. Os dois liam tarô e faziam horóscopo. Propuseram-lhe de trabalhar ali e ela aceitou graças ao fato de que a livraria ficava a três quadras de seu prédio. Começara a sentir pânico de cumprir trajetos longos. Por nada neste mundo ela visitaria Polanco, onde morava até pouco tempo atrás, muito menos o bairro de Coyoacán, onde passou a maior parte de sua vida e onde, entre outros elos com o passado, ficava a academia de Márgara Armengol. Admitia que, se não tivesse aceitado aquela proposta de trabalho, acabaria morrendo aos poucos, talvez até mesmo cometendo suicídio. A livraria fez com que ela se integrasse à vida novamente. Certo dia, Mario Requena procurou-a para dizer que os negócios estavam indo tão bem que tinha chegado a hora de abrir uma filial em Cuernavaca. Tinham-lhe proposto um local bastante propício, perto do Cassino de La Selva. Era o El Zodíaco, um café absolutamente adequado para receber uma filial de seu estabelecimento esotérico. Ele mudaria para lá, não por causa de desavenças com o irmão, mas por razões de saúde; a altitude da Cidade do México não lhe fazia bem, o coração já tinha dados alguns avisos. Ela, que não ousava se afastar mais do que algumas quadras de seu apartamento ou da livraria, aceitou com prazer, para sua própria surpresa, o convite que Mario

lhe fez em seguida, e passou a viver numa pequena casa ao lado do El Zodíaco. Morou ali durante os dez anos seguintes, sem sentir sua passagem, sem viver integralmente. Aprendeu os elementos básicos do linguajar cifrado específico de seu novo meio. Com ajuda de um manual, Mario Requena encarregou-se de ensinar-lhe a ler as linhas da mão, mas ela o fazia sem convicção, com uma voz que não transmitia os eflúvios apropriados nem criava nenhuma expectativa misteriosa, razão pela qual o professor achou conveniente convencê-la a desistir da carreira de quiromancia. Em seus momentos de ócio, lia, sem entender uma linha sequer, trechos de livros esotéricos que a distraiam de uma forma inexplicável mas dos quais, mais tarde, não saberia citar uma única palavra. Certo dia, pouco depois de sua chegada a Cuernavaca, as cartas lhe revelaram que ela havia vivido, até então, três vidas diferentes e que ainda precisava viver outras duas para que o pentagrama de sua existência se completasse de modo natural e os acordes de tudo o que vivera se fundissem na melodia que os astros lhe reservavam.

— Como assim? Já vivi três vezes? — perguntou Jacqueline, sem esconder a surpresa.

— Só não fica claro para mim — respondeu Requena — se são três vidas diferentes que existiram dentro de uma mesma pessoa ou se são três pessoas integrando uma única vida.

— Mas não é a mesma coisa? — perguntou ela novamente, ainda mais perplexa.

— São os obscuros arcanos da vida! — concluiu Requena com uma voz sonhadora.

Jacqueline decidiu parar de pedir que lhe lessem o tarô, pois os resultados a afligiam demais. Repassou com tristeza as três vidas até ali conhecidas: a infância miserável, a adolescência sórdida, os anos de universidade, os esforços realizados para se apresentar com um mínimo de boa aparência na faculdade; a segunda

fase começava com o casamento e seu auge era marcado não só pela perda da casa em Polanco, onde, para dar um exemplo, havia um mordomo que lhe servia os cereais no café da manhã usando luvas brancas, mas também da valiosa atmosfera intelectual que incluía os cursos na casa de Márgara Armengol, suas leituras, os contos que escrevera e que nunca seriam publicados, o convívio com escritores e personalidades as mais diversas do meio intelectual, que eram convidados a falar na academia, um ambiente muito mais atraente do que aquele onde o marido vivia, gostasse ele disso ou não; e a terceira, que se inaugurava com a fuga de Nicolás Lobato e seu silêncio inexplicável, seguidos da imersão na miséria, o exílio em Cuernavaca, onde vivia apenas com uma empregada e na maior parte do tempo sem nenhuma, sem se importar com o que comia ou como se vestia, pensando apenas em sobreviver, como se fosse esse o único objetivo possível para ela. Não enxergava nenhum elo que unisse essas três etapas distintas de sua vida. Mesmo no caso das duas últimas, as mais recentes, os nexos eram poucos, sendo mais visível apenas a relação com Alicia Villalba, que, depois da derrocada econômica de Nicolás, permanecera em Cuernavaca, não em Las Palmas, é claro, mas como gerente e depois também sócia de um restaurante francês, perfeito para ela. A prima de Nicolás havia sido excelente, a ponto de emprestar-lhe um automóvel que quase não usava para que pudesse se movimentar em Cuernavaca. Jacqueline falava frequentemente por telefone com Alicia e com as poucas conhecidas que tinha na cidade, todas elas freguesas do El Zodíaco, sendo esse um dos poucos recursos de que podia dispor para diminuir a solidão. Gostava de ouvir a ex-secretária do marido empostando a voz e se achando o máximo ao falar sobre os problemas que tinha no restaurante com os funcionários, os fornecedores, os fregueses, com Sara, sua sócia, a mulher com quem vivia desde que se instalara em Cuernavaca, uma francesa go.duchinha e eternamente

risonha, o que não a impedia de estar sempre pronta a contradizer Alicia em público. Jacqueline quase não falava naquelas conversas ao telefone, mas o fato de ouvir uma outra voz durante algum tempo contribuía para aplacar a ansiedade que os medicamentos não conseguiam mitigar completamente.

Alicia Villalba visitava o El Zodíaco a cada dois ou três meses para consultar o horóscopo e depois levar Jacqueline para jantar em algum lugar de boa qualidade, pois considerava uma obrigação profissional frequentar os restaurantes da cidade, conhecer as novidades, fazer relações públicas e ampliar sua presença naquele meio. Ao mesmo tempo, era segura de si o bastante para não se preocupar com o fato de se apresentar em público ao lado daquela mulher gorda, precocemente envelhecida, de aspecto perdido, cabelos ralos e descuidados, mãos rechonchudas e unhas roídas, coberta normalmente com uma túnica tão sem graça que, mais do que um vestido, parecia o hábito de uma penitente cumprindo alguma promessa. Nessas ocasiões, quando Jacqueline tinha a oportunidade de interromper um dos longos monólogos de Alicia, fazia-o não para falar de alquimia, quiromancia ou tarô, como gostaria a amiga, mas para repetir mais uma vez como foi a terrível experiência de ser presa, de ficar trancada numa cela onde passou os dois primeiros dias com uma delinquente de aparência bastante humilde que lhe transmitiu um medo pavoroso com seus relatos sobre o cativeiro, e depois os interrogatórios a que foi submetida, seu erro monstruoso ao estabelecer amizade com um italiano visivelmente desequilibrado, um mitômano que acabou confessando coisas espantosas, talvez sob a pressão de sabe-se lá quais torturas, ou talvez devido à loucura de que já tinha dado provas em diferentes ocasiões, para terminar mais uma vez fazendo referência ao inexplicável silêncio de Nicolás Lobato e, neste ponto, suspirar profundamente, derramar algumas lágrimas e beber aceleradamente duas xícaras de chá de camomila.

Exatamente num dia 13 de março, Jacqueline recebeu um telefonema de Alicia Villalba. Ela passaria no El Zodíaco dali a dois dias e queria pedir um horário com Mario Requena, embora, acrescentou, não estivesse telefonando apenas para isso, mas sim para pedir-lhe que fosse nesse dia ao salão de beleza para se arrumar um pouco e pusesse sua melhor roupa, porque, depois da consulta, ela a levaria ao L'Aiglon para comemorar seu aniversário. Estariam apenas as duas. Sara, sua companheira, tinha viajado com os pais para passar alguns dias em Cozumel. Jacqueline deu um suspiro. No dia 15, completaria sessenta anos de idade.

Comprou alguns colares de bijuteria e outros com bolinhas de cerâmica em cores bastante vivas. Foi ao cabeleireiro. Colocou um vestido cor de champanhe que uma costureira do bairro reformara para que coubesse nela; por sorte, não estava muito fora de moda; ela própria se sentiu surpresa ao ver o resultado no espelho. Assim que Alicia chegou ao El Zodíaco, Jacqueline captou algo de anormal na amiga. O cumprimento inicial, por exemplo, tinha sido um gesto ambíguo, ao mesmo tempo triunfal e cúmplice, a ponto de ter chegado a especular que naquela noite talvez Alicia estivesse disposta a lhe fazer algumas confidências, falar-lhe, quem sabe, de algum problema de ordem sentimental entre ela e a francesa em vez de ocupar o tempo contando, como de costume, os problemas com fornecedores e cozinheiros, com o fisco, os fregueses, os garçons e o sindicato. E isso a entristeceu, como a entristecia, nos últimos tempos, qualquer sinal de mudança. Imaginara tudo, menos aquilo que, ao final, ficaria sabendo naquela noite. Alicia Villalba começou criticando-a, pois nem naquela ocasião ela aceitara tomar uma taça de vinho. Jacqueline foi firme, não ousava desobedecer à proibição do médico de misturar bebidas alcoólicas com seus tranquilizantes. Alicia insistiu em que aquele era um dia especial e fez o brinde com um Campari, enquanto Jacqueline usou um copo de água mineral. Às pergun-

tas de Alicia sobre se as cartas não lhe tinham prognosticado alguma notícia boa, ela relembrou que, desde a chegada a Cuernavaca, só tivera seu futuro lido uma única vez, e isso bem no começo. Sentira-se tão perturbada naquela ocasião que preferia agora desvelar seu destino por conta própria e não por meio de recursos que, no fundo, a deixavam apavorada.

— Se você tivesse feito isso — disse Alicia —, não ficaria surpresa em saber que Nicolás Lobato voltou para o México. Está em Veracruz, onde decidiu viver. Parece que um problema de pressão alta o impede de visitar a capital. Voltou com todas as questões legais acertadas. Abriu uma casa de ferragens no porto. O que você acha? Acho que você se interessaria em saber que ele não se casou novamente.

Jacqueline ficou um bom tempo em silêncio, olhando para a sua anfitriã. Pegou um pedaço de pão, passou manteiga nele, colocou sal e começou a comê-lo com excessiva lentidão. Num determinado momento, fez uma pausa para, com uma voz que não denotava nenhuma emoção, dizer:

— Acho difícil mesmo que ele pudesse se casar... — e com bastante dificuldade e evidente desânimo, mastigando pedaços de pão com manteiga, conseguiu explicar que Nicolás não podia mesmo fazê-lo pela simples razão de que nunca se divorciara dela.

Como se já soubesse qual seria o restante da argumentação, Alicia interrompeu a homenageada:

— Jacqueline, minha querida, um homem, quando quer, pode ser o maior canalha do mundo. Pode fazer o divórcio à revelia, de uma forma que você fique sendo a última pessoa a saber que ficou sem marido. Não sei se Nicolás se divorciou ou não; só sei que está em Veracruz. E ponto. Eu queria lhe dar essa notícia — fez-se uma pausa, que ela interrompeu para dizer: — Você pode achar estranho, mas devo confessar que faz muito tempo que deixei de acreditar na juventude — a pele de Alicia

Villalba era maravilhosa. Seu rosto, cada vez mais masculino, não trazia nenhum dos estragos causados pelo tempo, ao contrário do de sua convidada. — E quer que eu lhe diga mais uma coisa, aproveitando que hoje estou numa noite de confidências? Estou mais do que convencida de que a vida começa aos sessenta. E, se não estou enganada, Nicolás vai completar essa idade neste ano.

— É no ano que vem — apressou-se a corrigi-la Jacqueline, lembrando que o marido era um ano mais novo que ela. — Como você soube que ele voltou?

— Um passarinho me contou... um amigo... Piu, piu, piu! Acabou de chegar. Antes de vir, um conhecido dele, talvez sócio, abriu a casa de ferragens, no centro de Veracruz, a duas quadras do hotel Diligencias. Conhece? — e passou-lhe um cartão de visitas onde se lia o nome de Nicolás Lobato e o da Casa de Ferragens Moderna, assim como o endereço em Veracruz. Alicia olhava para a outra com uma expressão semelhante à do espanto. Jacqueline não perguntou mais nada, não fez nenhuma menção a Nicolás nem à sua separação ou a um possível reencontro.

Tomaram a sopa. Em seguida, o garçom lhes serviu um filé à Chateaubriand com legumes. O cardápio sempre era definido pela proprietária, que achava que a obesidade de sua convidada se devia ao excesso de farinhas e à falta de carne. Jacqueline passou bastante tempo ocupada em cortar a carne em pedaços pequenos, para depois comê-los com grande lentidão, com uma expressão de tanto vazio no rosto que alguém poderia achar que estava bêbada. Alicia considerou que a novidade a perturbara, que devia tê-la anunciado aos pouquinhos, que ela certamente estava pensando em Nicolás. Portanto, ficou surpresa quando a amiga, ainda comendo, começou a falar sobre um assunto que não tinha nada a ver com a notícia recebida, e sim com os tristes dias de sua detenção, a gororoba fedorenta que lhe serviam como comida, os interrogatórios que duravam a noite toda num quarto apertado

iluminado por uma lâmpada muito forte que fazia com que ela nunca soubesse se já era dia ou ainda noite, a campanha de calúnias de que tinha sido vítima, as declarações malucas do professor de história da arte, o maldito Ferraris, que a imprensa reproduzira em detalhes mórbidos, mas também ampliando suas histórias, nesse dia, para um tema que nunca havia comentado com Alicia, a saber, a surra que aquele italiano maluco lhe aplicara logo depois de ter sido posto em liberdade e da qual ela nunca tinha conseguido se recuperar psicologicamente. Depois, disse que se sentia muito cansada, que estava morrendo de sono e pediu que, por favor, lhe chamassem um táxi.

Alicia insistiu para que ficasse um pouco mais, precisava provar o doce de amora preta preparado em sua homenagem, mas ela bateu o pé, queria mesmo ir embora. Percebendo sua prostração, a anfitriã pediu a um motorista que a levasse no seu próprio carro.

No automóvel, Jacqueline começou a chorar, e continuou chorando em casa quase a noite inteira. Levantou-se algumas vezes para se sentar na frente do espelho e dizer a si mesma que o único homem que ela havia amado e respeitado chamava-se Nicolás Lobato e que, desde o momento em que ele a abandonara, sua vida não tivera mais sentido.

Conseguiu dormir, no máximo, três horas. Na manhã seguinte, depois do banho e do café da manhã, quando já saía para o El Zodíaco, mudou de opinião subitamente, voltou para o quarto, preparou às pressas uma pequena mala, enfiou-a no carro e partiu em direção à Cidade do México. Parou ali apenas para pôr gasolina. Perto das seis da tarde, estacionava seu automóvel em Veracruz, ao lado da Casa de Ferragens Moderna.

Morta de cansaço, quase desmaiando, maltratada pela viagem, Jacqueline entrou na loja em estado sonambúlico. Quando se deu conta, estava de pé diante de Nicolás Lobato. Viu um homem alto, de costas largas, já com certo peso mas não exata-

mente um gordo. Tudo nele era só sorrisos: os lábios, os olhos, a pele. "Dá para ver a quilômetros que é um homem feliz", pensou. Ao mesmo tempo, apesar do bem-estar que ele exalava, notou também que, naqueles anos de ausência, Nicolás tinha perdido aquele ar juvenil que soubera conservar até o dia de seu desaparecimento. Ele também tinha envelhecido. Era um homem feliz, porém velho. Olhou para ela com certa perplexidade e, quando finalmente a reconheceu, nenhum dos dois sabia o que dizer. Jacqueline estendeu-lhe a mão e desviou o olhar. Nicolás Lobato abriu a portinhola do balcão, avançou e abraçou-a como se abraça a uma irmã. Em seguida, distribuiu algumas ordens entre os funcionários. Naquela tarde, ele não voltaria para fechar o estabelecimento. Perguntou a Jacqueline sobre suas bagagens e levou-a para o hotel onde ele se hospedava.

Achou que passariam a noite conversando, mas não foi bem assim. Falaram apenas sobre uma parte de tudo o que aconteceu durante os anos de separação. Ela ficou sabendo, então, que o advogado Paredes enviara ao marido as reportagens publicadas pela imprensa durante sua prisão, que ele tinha chegado a acreditar no que diziam sobre seu caso com Ferraris, embora, obviamente, não tivesse dado nenhum crédito às declarações sobre o plano de assassiná-lo. Que loucura! Comentou que a decisão de voltar ao México se devia à pressão alta, pois não gostaria de morrer em nenhum outro lugar, que suas dívidas já estavam todas saldadas, que seu sonho, Las Palmas, tinha sido uma coisa acima de suas possibilidades, mas que tinha valido a pena dar a vida por ele, embora o destino, único fiel depositário da verdade, já tivesse determinado sua estatura, fazendo-o encerrar seus dias numa casa de ferragens, como havia começado, que os anos no exterior tinham lhe dado uma lição, a de aceitar os fatos como eles são, que a vida no porto era bastante agradável, que dali a dois meses lhe entregariam uma casa que ele já havia alugado, com opção de

compra; por enquanto, ela estava em obras. Jacqueline achou que tinha chegado sua vez de falar, mas Nicolás, logo depois de mencionar a casa, virou-se de lado e adormeceu.

Foram acordados bem cedo pelo sol. Quase sem trocar palavras, tomaram banho, vestiram-se e desceram para o café da manhã. Sentia-se envergonhada de ter se abandonado tanto nos últimos anos. Parou por alguns instantes na frente do espelho: viu uma bruxa gorda e desmazelada. Contou que tinha mudado para Cuernavaca, onde conseguira um emprego que lhe permitia sobreviver. Viver nessa cidade fazia com que ela se sentisse próxima dele. Graças a isso, conseguira salvar a própria vida, pois do prédio onde morava na capital tinham sobrado apenas as fundações: um terremoto o transformara em pó. Depois do café da manhã, Nicolás levou-a a uma joalheria e ali comprou duas alianças. Pegou sua mão e enfiou uma delas em seu anelar, ao lado do velho anel de que ela nunca tinha se desfeito. Em seguida, enfiou a outra aliança na sua própria mão.

— E não se fala mais nisso! O que cada um viveu durante esses anos todos é coisa do passado! Estas alianças são para apagar tudo aquilo! — exclamou Nicolás com um sotaque espanhol bastante marcado que, por mais paradoxal que isso possa parecer, facilitava a ambos a adaptação à nova situação. Jacqueline lembrou-se da leitura do tarô que havia feito ao chegar a Cuernavaca, e pensou se aquele reencontro conjugal finalmente completaria o pentagrama que regia sua vida. Nesse momento, lembrou que, se não estava enganada, o que começava ali era a quarta fase de sua existência e que ainda faltava a última para que o pentagrama fosse concluído.

De volta ao carro, Nicolás levou-a para um passeio turístico na Boca del Río, emitindo sem parar uma série de comentários banais sobre os lugares por onde passavam, como se ela não conhecesse Veracruz. Na volta, à altura de Villa del Mar, entrou

à direita e avançou três ou quatro quadras até parar na frente de uma casa em cujo telhado alguns pedreiros trabalhavam. Mostrou-a num gesto amplo.

— É a sua casa?

— Isso mesmo, minha senhora! Aí está a casa! No máximo em dois meses poderemos nos mudar para cá. Bem — acrescentou num tom enérgico —, preciso voltar para a loja. Pego você às duas no hotel para almoçarmos juntos.

Até mesmo a voz autoritária com que Nicolás Lobato emitia suas instruções lhe parecia agradável. Chegando ao hotel, voltou a olhar-se no espelho e não conseguiu esconder a repugnância que seu aspecto lhe causava. Maldita Cuernavaca. Aquele lugar abominável a transformara numa vaca. Precisava recompor seu corpo imediatamente. Nada melhor do que fazer natação no mar! Pediu uma ligação para Cuernavaca. Fizeram-na de imediato. Contou a Alicia Villalba tudo o que tinha acontecido. Disse que ficaria morando em Veracruz e pediu-lhe que, por favor, arrumasse alguém para vender a casa e guardasse suas poucas coisas até ela passar o endereço para onde deveriam ser encaminhadas. Estendeu-se na cama, mas foi impossível dormir. Saiu do quarto, entrou no carro e começou a circular por Veracruz. A certa altura, teve vontade de pisar no acelerador e só largá-lo quando chegasse ao café-livraria El Zodíaco. Sentia-se indigna, tinha transformado sua vida numa bela porcaria. Durante os trinta e poucos anos de duração de seu casamento com Nicolás Lobato só fizera besteiras, uma atrás da outra. Comprou alguns jornais e revistas e fechou-se no quarto novamente; desceu em seguida de novo para comprar um caderno e uma caneta esferográfica para tentar escrever uma crônica sobre seu noivado e os primeiros anos de casamento. Parecia ter esquecido tudo o que aprendera na oficina de criação literária. Tentou várias vezes descrever a época já longínqua de estudantes, a noite em que Nicolás a levou a um teatro

de variedades para ver Kalantán dançar, mas não conseguiu avançar mais do que meia página, com cada linha sendo marcada por rabiscos. Tudo em sua prosa lhe parecia frágil, sem consistência. Desceu novamente. Tomou um café e subitamente se deu conta de que já eram duas e cinco da tarde e não tinha certeza se Nicolás passaria ali ou se ela é que deveria pegá-lo na casa de ferragens. Não tinha o telefone de lá. Procurou na lista telefônica mas não encontrou o nome da loja, obviamente por ser nova demais. Subiu para o quarto e desceu novamente. Ao final, quando já estava para sair a fim de buscar o marido, viu-o aproximar-se, todo pimpão, animado, e ela se sentiu uma pilha de nervos, prestes a desmaiar. Temeu começar a chorar ali mesmo, em público, mas, por sorte, dessa vez conseguiu se segurar.

Almoçaram em Prendes. Depois, foram a uma cantina na mesma área para tomar café e um digestivo. Jaqueline chegou a sentir que os anos não tinham passado. Longe de governadores, banqueiros e outras figuras importantes, Nicolás voltava a ser, de alguma forma, aquele estudante de direito simples e simpático de quarenta anos atrás. Nesse dia, pela primeira vez desde que começara a tomar os antidepressivos, ela ousou beber uma taça de brandy com o café. Os efeitos do licor, o som da marimba, o movimento contínuo das pessoas entre as mesas, a atmosfera de alegria coletiva tinham conseguido operar um milagre: seus olhos voltavam a brilhar. Observou Nicolás extasiada. Entre suas pálpebras entreabertas, surgiu um olhar lânguido que expressava o prazer daquele reencontro.

De repente, ouviu-se uma língua estrangeira. Um grupo de jovens marinheiros falava em português na mesa ao lado. Jacqueline começou a saborear a musicalidade daquelas vozes, a combinação de entonações viris, brincalhonas e mundanas daqueles homens que falavam outra língua. Olhava para o grupo fascinada. Perguntou ao marido de onde ele achava que eram aqueles rapa-

zes. Ele respondeu que eram, sem dúvida, brasileiros; os portugueses tinham outro tipo de comportamento, menos espontâneo. Os desejos reprimidos durante os últimos anos voltaram à tona dentro dela, a tal ponto que quase a derrubaram. O simples fato de ouvir aquele idioma a embriagava. Tirou o espelhinho de bolso, colocou-o à frente do rosto e guardou-o novamente, com um profundo desgosto. Olhava os rostos suados daqueles jovens, os olhos como que entorpecidos pelo calor sob a proteção de cílios enormes, a musculatura aveludada e perigosa; saboreava a harmonia existente entre a fala e o movimento de seus corpos. Visões as mais ousadas começaram a excitá-la, em um nível próximo da dor. Dava pequenos saltos sobre a cadeira. Voltou os olhos para o marido e viu nele um velho pusilânime, insensível aos desejos dela e a suas necessidades, que tentava se fazer passar por moço dando um sorriso bobo. Disse a si mesma que tinha sido a mulher mais imbecil do mundo por não ter tido um ou vários amantes durante os anos em que passou fechada em Cuernavaca à espera de algum sinal de vida daquela besta quadrada. Mais uma vez pensou, com raiva, que, se havia alguma pessoa idiota neste mundo, essa pessoa se chamava Jacqueline Cascorro, por ter aguardado durante tanto tempo aquele inútil que um dia tinha tido a desfaçatez de se achar um Rothschild.

Voltou a olhar para os jovens brasileiros, que descascavam seus camarões com as mãos. Ao ver aqueles dedos engordurados, os lábios brilhantes, os gestos ávidos, sentiu-se atravessada por algo semelhante a uma descarga elétrica e teve uma visão tão perfeita quanto a que vislumbrara muitos anos antes ao quebrar a pata de um caranguejo e ouvir uma champanhe sendo aberta às suas costas. Convenceu-se de que a única forma de acabar com Nicolás Lobato seria usando veneno. Os médicos atestariam como causa do falecimento uma intoxicação devida a frutos do mar. Sua perna roçou a do marido; num movimento furtivo, pousou a mão

sobre sua coxa; queria fazê-la deslizar até a virilha, mas não se atreveu a tanto. O olhar que cravou em Nicolás Lobato ao mesmo tempo em que acariciava uma de suas pernas estava carregado de ódio, um ódio acumulado e demencial.

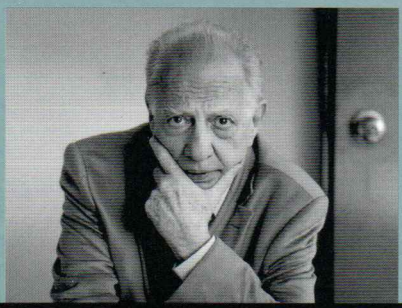
7.

Meses depois, um casal entrou em um restaurante de Villa del Mar. O homem empurrava uma cadeira de rodas em que a mulher estava sentada. Chegou a uma mesa e, com muito cuidado, ajudou-a a se levantar e passar para uma cadeira normal. Tratava-se, é claro, de Jacqueline e Nicolás Lobato. Era impossível ouvir o que conversavam. A maneira como ele se comportava e os gestos que fazia lembravam os de um pai chamando a atenção e tentando ao mesmo tempo acalmar uma garotinha caprichosa. Jacqueline mal respondia. Mal conseguia abrir um dos olhos; sua pálpebra, caída, trazia uma coloração arroxeada e sanguinolenta que levava a pensar que essa mulher não devia ter saído de casa nesse dia. Os lábios estavam horrivelmente inchados. Quase não retrucava as palavras do marido, limitando-se a erguer os ombros com desdém e a negar alguma coisa com movimentos pesados da cabeça. Comemoravam mais um aniversário de casamento.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA SPRESS EM ELECTRA E IMPRESSA EM OFSETE
PELA GRÁFICA BARTIRA SOBRE PAPEL PÓLEN BOLD DA SUZANO PAPEL E CELULOSE
PARA A EDITORA SCHWARCZ EM ABRIL DE 2009

Por trás dessa dupla mobilização ao longo de três décadas de convivência, repleta de lances trágicos mas também hilariantes, está o pavor do fracasso, tanto afetivo quanto material.

Sergio Pitol, um dos mais importantes escritores da atualidade em língua espanhola — referência autoral publicamente assumida por nomes como Enrique Vila-Matas, Roberto Bolaño e Antonio Tabucchi, entre tantos outros —, compõe com essa trama em tom paródico, traçada à base de suspense, fina ironia e humor, um painel impiedoso sobre as aspirações tacanhas da classe média mexicana, a hipocrisia de certos "meios intelectuais" e, acima de tudo, a dependência, inexplicável ou doentia, que se esconde sob uniões que a um olhar inocente parecem lacerantes.



CARLES MERCADER

Sergio Pitol, nascido em Puebla, México, em 1933, é escritor, ensaísta, tradutor e diplomata. Considerado um dos mais inventivos ficcionistas hispano-americanos, recebeu, pelo conjunto de sua obra, os prêmios Cervantes (2005) e Juan Rulfo (1999), entre outros. É autor de mais de vinte livros, entre romances, novelas, coletâneas de contos e ensaios.

Ao longo de trinta anos, o casal Jaqueline Cascorro e Nicolás Lobato mantém uma relação conflituosa. Ambiciosos, ambos procuram a todo custo enterrar a origem humilde na Cidade do México, empenhando-se em projetos pessoais díspares. Lobato tenciona ser um grande empresário do turismo. Jacqueline, a fim de ascender socialmente, quer cultivar-se no campo das artes. O que os dois têm em comum além dessa busca pela superação do passado? A queda pela infidelidade, acrescida, no caso da mulher, de uma cômica obsessão em planejar a eliminação do cônjuge.

Combinando a crueldade macabra que permeia a cultura popular de seu país a uma narrativa encadeada e irônica, Sergio Pitol traça aqui uma paródia da vida conjugal e de seus mistérios, da infidelidade e da perene insatisfação com a vida como ela é.

"Sergio Pitol é o melhor escritor em língua espanhola da atualidade [...]. Um mestre perfeito."
— Enrique Vila-Matas, *El País*

"Sergio Pitol é não apenas o nosso maior escritor vivo, mas também o mais original de nossos inovadores."
— *Letras libres*

Tradução de Bernardo Ajzenberg

ISBN 978-85-359-1427-6
9 788535 914276